

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA APLICADA – PPGE
MESTRADO EM ECONOMIA

EMPREENDEDORISMO FEMININO E DIFERENCIAIS DE RENDIMENTOS:
EVIDÊNCIAS PARA O BRASIL

SAMANDA SILVA DA ROSA

RIO GRANDE - RS

2018

SAMANDA DA SILVA ROSA

EMPREENDEDORISMO FEMININO E DIFERENCIAIS DE RENDIMENTOS:
EVIDÊNCIAS PARA O BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Economia Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Vivian dos Santos Queiroz
Orellana

Coorientador: Prof. Dr. Gabrielito Rauter Menezes

Rio Grande – RS

2018

SAMANDA SILVA DA ROSA

**EMPREENDEDORISMO FEMININO E DIFERENCIAIS DE RENDIMENTOS:
EVIDÊNCIAS PARA O BRASIL**

Dissertação de mestrado submetida ao Curso de Mestrado em Economia do Programa de Pós-Graduação em Economia Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Economia.

Dissertação aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Vívian dos Santos Queiroz Orellana
FURG
Orientadora

Prof. Dr. Gibran da Silva Teixeira
FURG
Examinador Interno

Prof. Dr. André Carraro
UFPel
Examinador Externo

"É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem; somente o trabalho pode garantir a ela uma independência concreta."

(Simone De Beauvoir)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me proporcionado força e coragem para mais esse caminho percorrido.

Aos meus pais, Pedro e Maria, a base familiar foi o que possibilitou a conquista dos objetivos traçados em minha vida. Auxiliando-me sempre em todos os momentos com muita compreensão e confiança.

Ao meu namorado Pedro, por estar sempre presente comigo me apoiando, com paciência e carinho.

À Professora Doutora Vívian dos Santos Queiroz Orellana, pelo privilégio de tê-la como orientadora, pelos ensinamentos fundamentais, incentivo, disponibilidade e apoio incondicional. Principalmente pela pessoa admirável. Aqui expresso o meu sincero agradecimento e amizade.

Ao Doutor Gabrielito Rauter Menezes, pelo apoio imprescindível, pela confiança e disponibilidade sempre demonstradas e fundamentais na realização deste trabalho. Meus profundos agradecimentos e gratidão eterna.

Ao Coordenador Professor Doutor Gibran da Silva Teixeira e a todos os professores do Curso de Pós-Graduação em Economia Aplicada da FURG, pela dedicação e conhecimentos transmitidos.

Enfim, a todos que de forma direta ou indireta auxiliaram na concretização deste trabalho. O meu agradecimento!

LISTA DE TABELAS

TABELA 2.1 – Estatística descritiva da amostra.....	25
TABELA 2.2 – Distribuição das mulheres nas regiões brasileiras.....	26
TABELA 2.3 – Efeito marginal do <i>probit</i> para o Brasil.....	27
TABELA 2.4 – Efeito marginal do <i>probit</i> para as regiões brasileira.....	30
TABELA A.2.1 – Descrição das variáveis utilizadas nas regressões.....	41
TABELA 3.1 – Estatística descritiva das amostras.....	54
TABELA 3.2 – Estatística descritiva das empregadoras e autônomas.....	55
TABELA 3.3 – Número de mulheres da amostra por ocupação e seus rendimentos.....	56
TABELA 3.4 – Brasil – Determinantes do empreendedorismo feminino e rendimentos.....	57
TABELA 3.5 – Decomposição do diferencial do rendimento entre empreendedoras e assalariadas.....	60
TABELA 3.6 – Decomposição do diferencial do rendimento entre autônomas e assalariadas.....	62
TABELA 3.7 – Decomposição do diferencial do rendimento entre empregadoras e assalariadas.....	64
TABELA A.3.1 – Descrição das variáveis utilizadas nas regressões.....	70
TABELA A.3.2 – Brasil – Determinantes do empreendedorismo autônomo feminino e rendimentos.....	71
TABELA A.3.3 – Brasil – Determinantes do empreendedorismo empregador feminino e rendimentos.....	72

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

GEM – Global Entrepreneurship Monitor

OECD – Organization for Economic Co-operation and Development

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
1. APRESENTAÇÃO.....	12
2. DETERMINANTES DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL E REGIÕES.....	16
RESUMO.....	16
ABSTRACT.....	16
2.1. Introdução.....	17
2.2. Referencial Teórico.....	18
2.3. Estratégia Empírica.....	23
2.4. Base de Dados e Tratamentos.....	24
2.5. Resultados.....	27
2.6. Considerações Finais.....	33
2.7. Bibliografia.....	35
APÊNDICE.....	41
3. DIFERENCIAL DE RENDIMENTO NO EMPREENDEDORISMO FEMININO.....	42
RESUMO.....	42
ABSTRACT.....	42
3.1. Introdução.....	43
3.2. Referencial Teórico.....	45
3.3. Estratégia Empírica.....	48
3.3.1. Modelo de Heckman.....	49
3.3.2. Diferencial de Rendimentos: Decomposição de Oaxaca-Blinder.....	50
3.4. Base de Dados e Tratamentos.....	52
3.5. Resultados.....	56
3.6. Considerações Finais.....	65
3.7. Bibliografia.....	66
APÊNDICE.....	70

RESUMO

O objetivo dessa dissertação é estudar o empreendedorismo feminino no Brasil usando a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015. Em quatorze anos, o número de empresárias no Brasil subiu 34%, chegando a mais de dois milhões de empreendedoras, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2015). O primeiro ensaio investiga as principais características socioeconômicas e regionais que determinam a escolha da mulher pela ocupação empreendedora no Brasil e nas regiões brasileiras. A estratégia empírica adotada foi o modelo de probabilidade com distribuição normal *probit*. Os principais resultados encontrados mostram que existem efeitos estatisticamente significativos positivos para as variáveis: raça, idade, chefe de família, migrante de retorno e efeitos estatisticamente significativos negativos à elevação dos anos de estudo na probabilidade de empreender no Brasil. No âmbito regional, os resultados obtidos mostram efeitos distintos em relação à probabilidade de empreender. Existem efeitos estatisticamente opostos em relação aos anos de estudos, o aumento da escolaridade favorece a escolha sobre a opção empreendedora na região Sul e apresenta efeitos negativos nas regiões Norte e Nordeste. No segundo ensaio foi averiguado o diferencial de rendimentos entre empreendedoras e assalariadas no Brasil usando a decomposição detalhada de Oaxaca-Blinder. O método de Heckman foi aplicado para controlar o possível viés de seleção amostral nos rendimentos, decorrente da presença de habilidades empreendedoras não observadas. A decomposição detalhada de Oaxaca-Blinder permite identificar os componentes explicados e não explicados do hiato de rendimento entre empreendedoras e assalariadas. Os principais resultados encontrados destacam que os rendimentos das mulheres assalariadas são em média 86,72% superiores em relação às empreendedoras. Porém, as mulheres empreendedoras empregadoras apresentam em média rendimentos 225,96% superiores em comparação as trabalhadoras assalariadas.

Palavras-chave: Empreendedorismo Feminino, Diferencial de Rendimentos, Oaxaca-Blinder, Heckman, Brasil.

Classificação JEL: L26, J24, J31.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to study female entrepreneurship in Brazil using the National Household Sample Survey (PNAD) of 2015. In fourteen years, the number of female entrepreneurs in Brazil rose 34%, reaching more than two million entrepreneurs, according to Brazilian Service for Support to Micro and Small Enterprises (SEBRAE, 2015). The first essay investigates the main socioeconomic and regional characteristics that determine the choice of women for the entrepreneurial occupation in Brazil and in the Brazilian regions. The empirical strategy adopted was the probability model with normal distribution probit. The main results show that there are statistically significant positive effects for the variables: race, age, head of household, return migrant and statistically significant negative effects to the increase of the study years in the probability of undertaking in Brazil. At the regional level, the results obtained show different effects in relation to the probability of undertaking. There are statistically opposite effects in relation to the years of studies, the increase in schooling favors the choice of the entrepreneurial option in the South region and has negative effects in the North and Northeast regions. In the second essay, the income differential between entrepreneurs and wage earners in Brazil was investigated using the detailed decomposition of Oaxaca-Blinder. The Heckman method was applied to control the possible sample selection bias in income, due to the presence of unobserved entrepreneurial skills. The detailed decomposition of Oaxaca-Blinder allows identifying the explained and unexplained components of the income gap between entrepreneurs and wage earners. The main results found highlight that the income of salaried women is on average 86.72% higher than the women entrepreneurs. However, female entrepreneurs have an average income of 225.96% higher than female wage earners.

Keywords: Feminine Entrepreneurship, Equation Earnings, Decomposition of Oaxaca-Blinder, Heckman, Brazil.

JEL Classification: L26, J24, J31.

1. APRESENTAÇÃO

O objetivo dessa dissertação é estudar o empreendedorismo feminino no Brasil através da investigação dos principais fatores socioeconômicos que afetam a decisão de inserção em ocupações empreendedoras nas regiões brasileiras e do cálculo do diferencial de rendimentos entre as empreendedoras e assalariadas a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015.

Segundo Buera (2008, 2009), empreendedor é o indivíduo que utiliza seu capital social e investe seu trabalho para produzir um produto através de determinada tecnologia. O empreendedor pode explorar seu próprio negócio sem empregados, como empreendedor autônomo, ou ter pelo menos um empregado, sendo empreendedor empregador. De acordo com o economista Joseph Alöis Schumpeter (1883-1950), o agente empreendedor “*não é um cientista criando uma nova invenção, mas é quem utiliza novos meios de produção de maneira inovadora, mais vantajosa*” (DROUIN, 2008, p. 140). A *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) define o empreendedorismo como “*qualquer tentativa de criação e desenvolvimento de novos negócios, ou criação de novas empresas, como o trabalho por conta própria, uma nova organização empresarial, ou a expansão de uma empresa já existente*” (GEM, 2016, p. 17).

A mulher ainda é associada principalmente ao trabalho doméstico, mas a partir da década de 1970 a mulher começa a se inserir no mercado de trabalho (STROBINO; TEIXEIRA, 2014). Nessa época aconteceu um notório crescimento econômico que expandiu a economia, provocou um significativo aumento populacional nas cidades e promoveu a industrialização, aumentando a demanda de mão de obra, inclusive a feminina (NERI et al., 2000).

Com o passar do tempo, as mulheres se depararam com condições precárias no ambiente de trabalho, aumento de processos como a terceirização e a quarteirização, o que influenciou o engajamento das mulheres no empreendedorismo (CARRIJO; FERREIRA, 2017). A mulher passou a dedicar-se à sua formação e a conquistar espaço dentro das organizações (BRUSCHINI, 2000). A ascendente atuação feminina no ramo empresarial não aconteceu apenas nas organizações já existentes, mas também no estabelecimento de novos empreendimentos (FRANCO, 2014). Elas passaram a desempenhar papel fundamental no sustento familiar através do empreendedorismo (LEONE; BALTAR, 2008; FRANCO, 2014).

Há um fenômeno estudado por Steil (1997), pela ótica do “teto de vidro”, referente à tendência em haver maior quantidade de homens nas posições hierarquicamente mais altas nas organizações, um preconceito velado que impede o avanço da mulher para posições de maior hierarquia. Dificultando também a mulher se imaginando como uma empreendedora. Caracterizando, portanto, a complexidade dos desafios e barreiras enfrentados pela mulher, requerendo competência, bem como a sabedoria para os desafios im(previsíveis) que serão enfrentados, além de tempo e conscientização da capacidade feminina na sociedade como um todo.

O empreendedorismo tem despertado interesse de economistas, gestores e *policy-makers* devido à importância para a geração de emprego, inovação e crescimento econômico dos países (ELAM; TERJESSEN, 2010) e as mulheres constituírem parte significativa do empreendedorismo mundial. Em vários países, as mulheres estão iniciando empresas 1,5 vezes mais do que os homens, de acordo com a *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OECD, 1998). Uma a cada três empresas criadas na Alemanha e Dinamarca no ano de 1993 foi criada por mulheres, conforme Allen e Truman (1993). Já na França essa taxa foi de uma a cada quatro empresas, mas em outros países da Europa, como Grécia, Espanha, Itália, Irlanda e Reino Unido, essa taxa caiu para uma a cada cinco. O relatório do *Global Entrepreneurship Monitor (GEM)* mostrou que no Brasil o percentual de mulheres que abriram novos negócios em 2014 foi de 51,2%, taxa maior do que a observada para os homens (48,8%), embora estes ainda são maioria dos empreendimentos consolidados (54,9%).

As mulheres optam pelo empreendedorismo por diferentes motivos, tais como: desejo de realização e independência, percepção de oportunidade no mercado de trabalho, dificuldade de crescimento na carreira profissional em outras empresas, necessidade financeira e conciliar trabalho e família (CROMIE; HAYES, 1988; HISRICH; PETERS, 1989; MOORE; BUTTNER, 1997). Além dessas razões, ao empreender, a mulher tem a possibilidade de horários de trabalho mais flexíveis, acreditando assim, que pode desempenhar atividades empreendedoras, domésticas e familiares. Segundo Gomes e Santana (2004), as mulheres têm dificuldades em estabelecer a fronteira entre trabalho e família de forma definida.

O incentivo para iniciar o próprio negócio pode ser entendido através de duas óticas: empreendedorismo por necessidade e empreendedorismo por oportunidade (VALE; CORRÊA; REIS, 2014). Empreendedores por necessidade são aqueles que iniciam um empreendimento porque não possuem melhores alternativas de trabalho e encontram no

empreendedorismo uma fonte de renda. Já os empreendedores por oportunidade têm boas opções de emprego, mas optam por iniciar um negócio porque possuem maior utilidade ao empreender, quando comparado com o trabalho assalariado (TERJESEN; AMORÓS, 2010).

Na literatura econômica, as transformações no mercado de trabalho têm motivado diversos estudos teóricos e empíricos, principalmente no que se refere à participação das mulheres no empreendedorismo. No contexto internacional, destacam-se os trabalhos de Naser et al. (2012), Morris et al. (2006), Davies-Netzley (2000), Still e Timms (2000), Carter (2002), Zanakis et al. (2012), Winn (2005).

Naser et al. (2012), investigaram os fatores pessoais e externos que podem influenciar a escolha da carreira empreendedora das mulheres que estudaram na rede pública no Kuwait. Os principais resultados mostram que as mulheres acreditam que empreender aumentará sua posição social, tornando-as mais independentes. Suas principais motivações em empreender são o lucro, e as ligações religiosas, aliadas as responsabilidades familiares, influenciando suas decisões de se tornar empresárias.

No âmbito nacional, as pesquisas de Vieira e Jacinto (2015), Pereira e De Oliveira (2016), Scorzafave e Menezes-Filho (2006), Vale e Correia e Reis (2014), Menezes et al. (2015) e Meireles (2014) contribuíram significativamente para o debate de questões relacionadas ao empreendedorismo no Brasil.

O trabalho de Moraes et al. (2017) fez uma importante contribuição para a literatura ao abordar o diferencial de rendimentos no empreendedorismo brasileiro para toda população de homens e mulheres. Os principais resultados encontrados mostraram que os indivíduos que optaram pela atividade empreendedora alcançaram uma remuneração 19,7% mais elevada quando comparada a dos trabalhadores assalariados, justificando a escolha pela carreira empreendedora por alguns indivíduos.

Essa dissertação visa preencher uma lacuna na literatura nacional ao investigar empiricamente o empreendedorismo feminino através de dois ensaios que utilizam os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do ano de 2015.

No primeiro ensaio é aplicado o modelo de probabilidade *probit* para estudar os efeitos de características individuais, familiares e regionais sobre a probabilidade de as mulheres serem empreendedoras no Brasil e por regiões. Os principais resultados encontrados mostram que existem efeitos estatisticamente significativos positivos para as variáveis: raça, idade, chefe de família, migrante de retorno e efeitos estatisticamente significativos negativos à elevação dos anos de estudo na probabilidade de empreender no Brasil.

No âmbito regional, os resultados obtidos mostram efeitos distintos em relação à probabilidade de empreender. Existem efeitos estatisticamente opostos em relação aos anos de estudos, o aumento da escolaridade favorece a escolha sobre a opção empreendedora na região Sul e apresenta efeitos negativos nas regiões Norte e Nordeste.

No segundo ensaio é calculado o diferencial de rendimento entre empreendedoras e assalariadas através da decomposição de Oaxaca-Blinder¹, que também possibilita uma decomposição detalhada para identificar os componentes explicados e não explicados que afetam o hiato de rendimentos. As equações de rendimentos usadas no cálculo do diferencial são controladas para viés de seleção amostral a partir da aplicação do método de Heckman (1979).

Os principais resultados encontrados destacam que os rendimentos das mulheres assalariadas são em média 86,72% superiores em relação às empreendedoras. Em relação às trabalhadoras autônomas, as assalariadas apresentam rendimentos 87,02% mais elevados. Porém, as mulheres empreendedoras empregadoras apresentam em média rendimentos 225,96% superiores em comparação as trabalhadoras assalariadas. Sugerindo indícios de empreendedorismo autônomo por necessidade, no que diz respeito às mulheres.

Os resultados aqui apresentados contribuem para literatura sobre o tema ao investigar os determinantes do empreendedorismo feminino e a diferença de rendimentos. Visto que é um assunto ainda pouco explorado e de grande relevância para a economia.

Ao analisar os resultados no aspecto regional, é possível identificar diferentes resultados quanto a probabilidades com relação aos condicionantes do empreendedorismo feminino, dado que o Brasil é um país com dimensões continentais e é razoável imaginar que as diferentes regiões alcançarão resultados diversos.

O enfoque no diferencial de rendimentos entre empreendedoras empregadoras/autônomas e assalariadas pode fornecer informações importantes para que os gestores e *policy-makers* elaborem políticas públicas que estimulem o empreendedorismo entre as mulheres, gerando empregos e crescimento econômico.

¹ Blinder (1973) e Oaxaca (1973).

2. DETERMINANTES DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL E REGIÕES

RESUMO

O objetivo deste ensaio é verificar os determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil e em suas cinco regiões usando os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílios (PNAD) do ano de 2015. O maior desafio relacionado a esse tema é compreender quais são os fatores determinantes que levam a mulher a se tornar empreendedora ou não. O procedimento de tomada de decisão individual considera diferentes fatores, sendo alguns destes sociais, demográficos ou regionais. A estratégia empírica adotada foi um modelo de probabilidade *probit* para a estimação da escolha ocupacional. Os resultados demonstraram que a probabilidade de a mulher empreender aumenta para a raça branca, idade, anos de estudos iniciais, chefe do domicílio, idade dos filhos, imigrante de retorno e com o aumento das horas dedicadas aos afazeres domésticos.

Palavras-Chaves: Empreendedorismo Feminino, *Probit*, Regiões brasileiras.

Classificação JEL: L26, C25, J26.

ABSTRACT

The objective of this essay is to verify the models of female entrepreneurship in Brazil and in its five regions based on models of occupational choice, using the microdata of the National Household Sample Survey (PNAD) of the year 2015. The greatest challenge related to this Theme and is what is one of the determining factors that lead a woman to the option of becoming or not entrepreneurial. The individual decision-making procedure considers different factors, demographic or cultural. An adopted empirical strategy employs models of discrete choice in the estimation of occupational choice. The results showed that there are positive effects for a probability of the entrepreneurial woman as variables: race, age, years of initial studies, head of household, age of children, how to be a returning immigrant and hours dedicated to household chores.

Keywords: Women Entrepreneurship, Probit, Brazil.

JEL Classification: L26, C25, J26.

2.1. Introdução

O objetivo deste ensaio é examinar os principais determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil e nas regiões brasileiras. Para tanto, utilizou-se um modelo de probabilidade com distribuição normal *probit* e dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015.

Segundo Wennekers e Thurik (1999), foi dada maior atenção ao empreendedorismo devido ao papel que ele desempenha no desenvolvimento econômico, pois fomentar o empreendedorismo é incentivar o crescimento econômico, especialmente pelo papel que ele desempenha de motivar a criação de empregos. A atividade empreendedora no Brasil tem se expandido a partir da década de 1990 devido à estabilidade da moeda e controle da inflação, com isso tem sido dada maior atenção sobre o assunto, por estar estreitamente correlacionado ao crescimento econômico.

O envolvimento das mulheres no empreendedorismo é um fenômeno mundial. No continente Europeu e nos Estados Unidos, a percentagem de mulheres empreendedoras é de 15% e 10,5%, respectivamente (OIT, 1997). Conforme a pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) de 2016, a mulher brasileira é uma das mais empreendedoras em comparação ao resto mundo, e detém o maior equilíbrio na relação entre homens e mulheres empreendedores a nível mundial. A percentagem de empreendedoras no Brasil é de 19,9%, de acordo com PNAD de 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa GEM (2016) apontou que elas já são a maioria dos novos empreendedores do país, representando 51,5%.

Várias pesquisas² discutem os efeitos positivos do empreendedorismo sobre o crescimento e desenvolvimento econômico de países e regiões, através de aumento de postos de trabalho e arrecadação de tributos. Diante disso, o empreendedorismo é um assunto muito importante para economistas e *policy-makers* e vem ganhando força nos últimos anos porque o Brasil se encontra em um momento de grandes mudanças no mercado de trabalho.

Os trabalhos empíricos sobre os determinantes do empreendedorismo nas economias desenvolvidas³ sugerem que tanto as características pessoais dos indivíduos quanto as características regionais influenciam nas decisões do indivíduo em se tornar um empreen-

² Ver Castanhar (2007); de Barros e Pereira (2008); Sarfati (2013).

³ Ver Armington e Acs (2002); Carree e Thurik (2008); Kangasharju (2000).

dedor. Nesse contexto, o desafio proposto a esse tema é compreender quais são os fatores determinantes que levam as mulheres a se tornarem empreendedoras no Brasil e regiões.

O empreendedorismo é um processo que fomenta o desenvolvimento econômico de um país, pois a criação de novos negócios auxilia, sobretudo, a geração de emprego e renda. Portanto, se faz necessário compreender a inserção da mulher no empreendedorismo também regional, pois o Brasil é um país heterogêneo no âmbito dos seus indicadores econômicos e sociais. Essas diferenças regionais também são observadas na atividade empreendedora.

As informações aqui apresentadas podem auxiliar no debate para a formulação de políticas públicas visando intensificar a participação feminina no empreendedorismo de forma mais competitiva e economicamente sustentável.

Este ensaio foi estruturado em cinco seções, incluindo esta introdução. Na segunda seção apresenta-se o referencial teórico sobre a economia do empreendedorismo. Na terceira seção, os dados e a estratégia empírica adotada são expostos. Na quarta seção são apresentados e discutidos os resultados e, por fim, as considerações finais do estudo.

2.2. Referencial Teórico

A concepção de Schumpeter sobre a finalidade do empreendedorismo na economia é considerada uma das contribuições econômicas mais relevantes do século passado. Para Schumpeter, o agente empreendedor aperfeiçoa a tecnologia disponível por meio da inovação dos meios de produção, fazendo uso de novas ideias, provocando assim um efeito em cascata promovendo o desenvolvimento da economia como um todo, ao longo do tempo. Se o agente econômico é hábil para propiciar todas estas mudanças, se faz necessário compreender o que os leva a buscar essas transformações (VIEIRA; JACINTO, 2015).

De acordo com Fossen (2012) e Caliendo et al. (2014), o significado mais abrangente utilizado para definir o agente empreendedor é que todo o indivíduo que trabalha por conta própria é um empreendedor, seja ele empregador ou autônomo. Outros autores enfatizam o conceito de empreendedores em seus estudos (VERHEUL et al., 2012; BÖNTE; PIEGELER, 2013). São definições que tem por objetivo identificar a aptidão dos agentes por serem empresários, independentemente da circunstância de seu emprego atual.

Os trabalhos empíricos sobre os determinantes do empreendedorismo nas economias desenvolvidas indicam que não somente as características individuais dos agentes influenciam na escolha ocupacional do indivíduo pelo empreendedorismo, mas também as características regionais. Como o objetivo dos agentes é maximizar a utilidade, o indivíduo

compara o retorno econômico proveniente da atividade empreendedora em relação ao retorno do emprego assalariado (TAMVADA, 2007).

De acordo com Lucas (1978), alguns indivíduos apresentam maior habilidade empreendedora em comparação aos demais, ou seja, os indivíduos se comportam de forma heterogênea no modelo. Ao fazer a escolha ocupacional, os indivíduos optam pela atividade que lhes dá a maior utilidade esperada. Ao modo que, indivíduos alocados acima de certa fronteira de capacidade, ou seja, mais talentosos arriscam-se como empreendedores em detrimento dos outros que permanecem como empregados.

Segundo Wit (1993), é possível elaborar pesquisas sobre empreendedores através da hipótese de que as indústrias produzem bens homogêneos, que apresenta uma determinada demanda, $X(p)$ que é estritamente decrescente em seu preço p . Logo, os indivíduos podem optar por suas escolhas ocupacionais, na forma de trabalho assalariado por uma remuneração em forma de salário w ou de forma empreendedora como um empresário em troca de um determinado lucro π . Onde os indivíduos diferem apenas na sua habilidade empreendedora θ conforme o destacado por Lucas (1978).

Assim, a habilidade empreendedora $\theta \in [\underline{\theta}, \bar{\theta}]$ entre os indivíduos é indicada por $H(\theta)$. Onde θ representa uma elevada habilidade empreendedora e $\underline{\theta}$ o caso contrário. Admitindo que o produto produzido pelos indivíduos seja homogêneo, e que a capacidade de empreender afetará somente a função de custo do trabalho assalariado. Considerando que a função custo $c(\theta, x)$, e a função custo marginal, são estritamente decrescentes em $\bar{\theta}$. Conclui-se que, ao empreender o indivíduo maximiza seu lucro (π), elegendo o nível adequado de produto x :

$$\text{Max}_x[\pi \equiv px - c(\theta, x)] \quad (1)$$

De modo que, o nível de produção e os lucros dependerão diretamente de $\underline{\theta}$. Portanto, quanto maior é θ mais elevado são os lucros e o nível de produção $x(\theta, p)$. O indivíduo, portanto, optará pela escolha ocupacional de empreendedor se $\pi(\theta, x)$ for maior do que a opção de salário w , e o equilíbrio determinado quando:

$$\pi = px - c(\theta^*, x) = w \quad (2)$$

A propensão do indivíduo de se tornar empreendedor é representada por θ^* , que expressa o caráter indiferente entre ser empreendedor ou emprego assalariado. Portanto, θ^*

expressa a capacidade empreendedora inicial para um dado nível de w , quando $\theta < \theta^*$ o a atividade assalariada é mais vantajosa para o indivíduo o oposto ocorre quando $\theta > \theta^*$ onde a atividade empreendedora é mais vantajosa.

De acordo com Parker (2009), as características do indivíduo, tais como, a aversão ao risco, sua bagagem adquirida de trabalhos anteriores, o nível de escolaridade, o capital humano, a idade, assim como aspectos específicos de personalidade, são características que podem influenciar a escolha ocupacional do indivíduo pelo empreendedorismo. Outro aspecto relevante são as características regionais, como incentivos através de políticas públicas para fomentar o estabelecimento de empreendimentos (através de subsídios ou transferências governamentais (BLAU, 1987)), os índices de desemprego da região, se há oportunidades para pequenas empresas, são fatores que contribuem na escolha ocupacional como trabalhador assalariado ou empreendedor (ÁCS; AUDRETSCH, 2011; REYNOLDS et al., 1994).

Alguns fatores pessoais são apontados pela literatura como motivação para o estabelecimento de empresas por mulheres e segundo Naser et al. (2012) são considerados positivos por favorecer o empreendedorismo e o próprio trabalho. De acordo com Naser et al. (2012), Zanakis et al. (2012) e Vale et al. (2014), alguns desses fatores estão relacionados às dificuldades financeiras que impulsionam as mulheres a abrirem o próprio negócio visando a independência financeira.

As mulheres empreendedoras esperam acumular capital além do que seria possível com o trabalho assalariado, como apontado por Hermans et al. (2012), ou para melhorar seu poder de compra destacado por Beyda e Casado (2011) e Fernandez et al. (2014). O desejo de desenvolver a capacidade pessoal e de ter reconhecimento com a gestão da própria empresa também são importantes motivos para empreender, mesmo que para a materialização de uma oportunidade de negócio seja necessário enfrentar maiores desafios (FERNANDEZ et al., 2014; ZANAKIS et al., 2012; MORRIS et al., 2006). Neste contexto destacam principalmente nas empresas familiares onde às herdeiras frequentemente não têm espaço suficiente no negócio familiar e estabelecem sua própria empresa (MACHADO, 2011).

Outros autores, como Davies-Netzley (2000) e Still e Timms (2000), apontam que as mulheres se engajam no empreendedorismo porque buscam uma jornada de trabalho flexível para conciliar o trabalho e a família, onde na maioria dos casos elas enfrentam dupla jornada de trabalho, dedicando várias horas por dia para os afazeres domésticos. Já Carter (2002) menciona que a formação de uma empresa também pode acontecer devido à

reinserção feminina no mercado de trabalho após um longo período de repouso ou de desemprego, particularmente para cuidar de filhos pequenos ou de pessoas idosas.

Entretanto, o empreendedorismo feminino tem alguns obstáculos, dentre eles: a falta de apoio familiar segundo Zanakis et al. (2012) e a dificuldade em conciliar o trabalho e a família, onde até mesmo as pequenas empresas requerem muitas horas de trabalho. De acordo com Winn (2005), o trabalho e a família se complementam mutuamente para os homens, mas indicam dificuldades para as mulheres devido à pressão familiar. De modo que, as mulheres enfrentam dificuldades ao empreender, especialmente para aquelas com crianças pequenas (MATHEW, 2010). Porém, Rees e Shah (1986) destacam que o apoio da família exerce uma probabilidade positiva do indivíduo se tornar empreendedor. Logo, Greene et al. (2003) salientam que as mulheres têm escasso acesso à rede de negócios, menos contato com outras empresas e pouca informação sobre as empresas em comparação aos homens.

Ao empreender, as mulheres se deparam com outros obstáculos associadas à preparação pessoal dos empreendedores. A falta de experiência em gestão e treinamento é na verdade, uma dificuldade enfrentada por homens e mulheres empreendedores, particularmente um conhecimento escasso sobre os planos de negócios e leis específicas para a criação de empresas (ZANAKIS et al., 2012).

Mayr e Peri (2008a) mostram que a possibilidade de migração e retorno ao país de origem tem efeitos positivos sobre a probabilidade de empreender, pois ao regressar à sua localidade de origem, o indivíduo absorveu experiência internacional incrementando seu capital humano. Em países de renda média, tais como: Europa Oriental, Ásia e América Latina há mais indivíduos dispostos a emigrar.

Fatores associados ao crédito como fonte de capital inicial para empreender estão entre as dificuldades para o estabelecimento de empresas (MATHEW, 2010; WINN, 2005). Para os autores Roper e Scott (2009), as mulheres têm mais dificuldade em obter crédito do que os homens. Estudos identificaram obstáculos no acesso ao crédito e taxas de lucros menores para as mulheres (DU REITZ; HENREKSON, 1999; GREENE et al., 2003).

Mulheres ainda enfrentam dificuldades em razão do viés de gênero, uma vez que as mulheres podem ser consideradas sensíveis, dóceis, fracas e sem a capacidade de trabalhar dentro de um ambiente empresarial (GRAY; FINLEY-HERVEY, 2005, WELTER; SMALLBONE, 2008). Ademais, Zanakis et al. (2012) destaca a importância da autoestima para as pessoas que desejam estabelecer seu próprio negócio. Shragg et al., (1992) afirmam

que a diminuição da autoconsciência e baixa estima são verdadeiras barreiras para o estabelecimento do empreendedorismo pelas mulheres.

À semelhança do que ocorre no mercado de trabalho, o aspecto gênero vem recebendo muita atenção e inúmeros estudos passaram a identificar se as diferenças, nos rendimentos, entre homens e mulheres em relação ao trabalho assalariado também se refletem entre os empreendedores (FURDAS; KOHN, 2010; GRILO; THURIK, 2006; PARKER, 2009). Ser casada e ter filhos são características que aumentam significativamente a chance das mulheres serem empreendedoras segundo Parker (2009). Embora essas características possam estar associadas no mercado de trabalho, o empreendedorismo permite uma flexibilidade na maneira de combinar trabalho com as atividades domésticas e do cuidar de filhos.

A partir deste propósito, Bernat et al. (2017) salienta em seu trabalho um conjunto de elementos associados a decisão do indivíduo em se tornar um empreendedor, bem como as características que evidenciam a diferença de gênero na atividade empresarial na América Latina. Para tanto empregaram modelos *logit*, com a finalidade de estimar a atividade empresarial de acordo com três diferentes definições de empreendedorismo. Ademais, se estimou o hiato de gênero empregando a metodologia de decomposição de Fairlie's. Destacando que as diferenças nas características observáveis explicam entre 23 e 38 % da disparidade total entre os gêneros.

De Camargo Neto et al., (2018) abordaram em seu estudo as características socioeconômicas e geográficas que determinam o perfil do indivíduo empreendedor das cinco regiões brasileiras. Obteve como resultados que a educação exerce papéis opostos sobre a decisão empreendedora, uma vez que o acréscimo de anos de estudo favorece um aumento na probabilidade de um indivíduo se tornar empregador, bem como reduz a probabilidade do indivíduo ser um autônomo. Esses resultados divergem do observado por Rees e Shaw (1986) e Taylor (1996), em que a educação apresenta efeitos positivos sobre a escolha de um indivíduo se tornar empreendedor.

E como regra, as mulheres iniciam com pequenas empresas e com poucos funcionários (MORRIS et al., 2006). De acordo com a (GEM, 2016) as mulheres empreendem principalmente no setor de serviços, tais como, restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas, cabeleireiras e atividades de tratamento de beleza, comércio varejista de artigos de vestuário e acessórios e serviços domésticos.

Segundo Silva (2017), o empreendedorismo feminino é um instrumento eficaz na geração de renda, principalmente em momentos de crise econômica. E como alternativa às

mulheres que de maneira geral acumulam múltiplas tarefas, não apenas com atividades relacionadas ao trabalho, mas também com afazeres domésticos e cuidados com a família. Em sua pesquisa para o Brasil, observou efeitos significativos positivos para escolaridade e ser casada.

Enfim, a breve revisão de literatura apresentada destacou fatores determinantes sobre a escolha ocupacional da mulher pelo empreendedorismo. Porém, estudos para o Brasil, específicos para mulheres, ainda são escassos, e pela ótica regional são inexistentes.

2.3. Estratégia Empírica

O modelo utilizado é um *probit* para estudar a probabilidade de ser empreendedor e permite estudar o empreendedorismo como escolha ocupacional, comparando com outra ocupação, a assalariada.

Suponha que as mulheres se deparem com $j=1, \dots, s$ alternativas de ocupações: empreendedora, representada por E, e outra atividade remunerada assalariada, denominada por A. Cada mulher apresenta um vetor X , que indica suas características observáveis, e uma função de utilidade ao escolher determinada ocupação $j \in s$, que é expressa por $U_j = U(X; j) + u_j$. A variável latente Z^* expressa o benefício que uma mulher i tem ao escolher a ocupação E em relação à ocupação P:

$$Z^* = U(X; E) - U(X; P) + u_E - u_P \quad (3)$$

De acordo com Parker (2004, 2009), $U(.; .)$ é linear e pode ser operado na forma $U(X; j) = \beta_j X$, sendo β_j os vetores de parâmetros e u_j a utilidade não observada. A equação (3) mostra que o indivíduo irá preferir ser empreendedor ao invés de trabalhador assalariado quando a variável latente for $Z^* \geq 0$, que é representada por uma variável binária Z da seguinte forma:

$$Z^* = \beta X + \epsilon, Z = \begin{cases} 1 & \text{se } Z^* > 0 \\ 0 & \text{se } Z^* \leq 0 \end{cases} \quad (4)$$

Onde, $(\beta_E - \beta_P)X = \beta X$ e $u_E - u_P = \epsilon$; ϵ é o termo de erro aleatório. Logo, Z assume valor 1 se a mulher escolher ser empreendedora ($Z^* > 0$) e zero caso escolha ser trabalhadora remunerada ($Z^* \leq 0$).

Para estimar a equação (4), é usado o modelo *probit* que admite que a distribuição do termo de erro obedeça a uma distribuição normal $\Pr(Z = 1) = \Phi\left(\frac{\beta'X}{\sigma}\right)$ e $\Pr(Z = 0) = 1 - \Phi\left(\frac{\beta'X}{\sigma}\right)$, onde $\Phi(\cdot)$ indica a função de distribuição cumulativa da distribuição normal padrão.

A equação de máxima verossimilhança, usada para estimar o modelo *probit* possui a forma a seguir:

$$\ln L = \sum_{j \in S} p_j \ln \Phi(\beta'X_j) + \sum_{j \notin S} p_j \ln \{1 - \Phi(\beta'X_j)\} \quad (5)$$

Onde, p_j representa os pesos opcionais.

Para promover uma análise e interpretação dos coeficientes estimados, serão utilizados os efeitos marginais médios. A estimação por máxima verossimilhança dos coeficientes não permite uma interpretação direta dos resultados, apenas o sinal pode ser analisado. Deste modo, o efeito marginal é expresso por:

$$\frac{\partial E(Z|X)}{\partial x} = \phi(\beta'X)\beta' \quad (6)$$

Logo, $\beta'X$ é definido como o vetor de coeficientes multiplicados por um vetor que possui valores para as variáveis dependentes. Portanto o efeito marginal pode ser interpretado como a mudança na probabilidade para uma mudança infinitesimal em cada variável independente para as variáveis contínuas e a mudança discreta na probabilidade para variáveis *dummies*.

2.4. Base de Dados e Tratamentos

A base de dados utilizada é a PNAD de 2015, fornecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo a última disponível no período da pesquisa.

A amostra consta de mulheres com idade entre 18 e 64 anos. Esse recorte se baseia na GEM que dispõe de critérios de análise usualmente utilizados na literatura para fins de estudo sobre o empreendedorismo. Conforme a metodologia da GEM (2016), o corte por idade é necessário para excluir indivíduos que não têm condições de estar inseridos no mercado de trabalho.

Outros recortes também foram feitos, como a exclusão de mulheres ocupadas com rendimento maior que R\$ 40.000,00⁴. O recorte nos rendimento é necessário a fim de eliminar possíveis distorções na análise.

Neste trabalho, considera-se empreendedora as mulheres ocupadas como empregadoras e autônomas. A variável dependente *Y* “empreendedora” assume o valor 1 se a mulher estiver ocupada em uma dessas ocupações e assume o valor zero se a mulher estiver inserida no mercado de trabalho como assalariada.

As variáveis explicativas que captam as características socioeconômicas e demográficas utilizadas para explicar a variável dependente “*Y*” foram selecionadas com base na teoria sobre empreendedorismo. Portanto, as covariadas utilizadas são: raça, idade, idade ao quadrado, *dummies* para escolaridade⁵, vive com cônjuge, chefe de família, horas dedicadas aos afazeres domésticos, renda do não trabalho, idade dos filhos⁶, migrante de retorno, região urbana, área metropolitana e, por fim, *dummies* para as regiões.

A partir da tabela 2.1 constam as estatísticas descritivas da amostra após os recortes e exclusão dos valores *missings*. A amostra total é de 44.054 mulheres, em que 12.959 são empreendedoras e 31.095 assalariadas em todo Brasil.

TABELA 2.1 – Estatística descritiva da amostra

Atributos Pessoais	Empreendedora		Assalariada	
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão
Branco	0,4414	0,4965	0,4850	0,4997
Idade	42,2465	11,2908	34,7787	10,8364
Idade ao quadrado	1912,244	954,9992	1326,987	820,3112
Anos de Estudo				
Sem instrução	0,0453	0,2081	0,0165	0,1275
1 a 4 anos	0,1230	0,3284	0,0463	0,2102
5 a 8 anos	0,2218	0,4155	0,1345	0,3412
9 a 11 anos	0,3843	0,4864	0,0468	0,4989
12 anos ou mais	0,1946	0,3959	0,2825	0,4502
Família				
Vive com cônjuge	0,6656	0,4717	0,5259	0,4993
Chefe da família	0,4330	0,4955	0,3360	0,4723
Afazeres domésticos (horas)	21,4339	14,5656	15,8669	12,0718
Idade das crianças				
Até 1 ano	0,0358	0,1869	0,0338	0,1851
>1 - 5 anos	0,5754	1,5393	0,5311	1,4330
>5 - 10 anos	1,8266	4,0267	1,6549	3,7979
Renda				
Renda de não trabalho	187,7799	793,8971	77,7100	434,1749
Variáveis Demográficas				
Migrante de retorno	0,0446	0,2064	0,0275	0,1638

⁴ Somente 6 observações estavam acima deste valor, as mesmas foram excluídas, pois se tratava de *outliers*.

⁵ A escolaridade está classificada da seguinte forma: sem instrução, 1-4 anos de estudo, 5-8 anos de estudo, 9-11 anos de estudo e 12 anos de estudo ou mais.

⁶ A idade dos filhos está classificada como: até 1 ano de idade, > 1-5 anos de idade, > 5-10 anos de idade.

Urbano	0,8832	0,3211	0,9476	0,2226
Metrópole	0,4001	0,4899	0,4577	0,4982
Norte	0,1510	0,3581	0,1076	0,3098
Nordeste	0,3047	0,4603	0,2322	0,4222
Sul	0,1552	0,3621	0,1970	0,3977
Centro-oeste	0,1064	0,3083	0,1130	0,3166
Sudeste	0,2825	0,4502	0,3500	0,4769
Observações		12.959		31.095

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir da PNAD 2015.

A idade média da mulher empreendedora é de aproximadamente 42 anos. Enquanto que a idade média da mulher assalariada é de aproximadamente 35 anos. A renda média do não trabalho das empreendedoras é de R\$ 187,78 mensais e das assalariadas é de R\$ 434,17 mensais.

Em relação à escolaridade, no que diz respeito à escolaridade entre nove e onze anos de estudo, as mulheres empreendedoras representam 38% e as assalariadas 4,68%. Para níveis de escolaridade mais elevados, com doze anos ou mais de estudo, as mulheres que empreendem representam 19% e as mulheres assalariadas, aproximadamente 25% da amostra. A região Sudeste é a que se destaca com a maior parcela de mulheres assalariadas com aproximadamente 35%. Enquanto que, a região Nordeste é a que se destaca com a maior parcela de mulheres empreendedoras com aproximadamente 30%.

A tabela 2.2 mostra a distribuição regional das mulheres pelas ocupações empregadoras, assalariadas e empreendedoras (empregadoras mais assalariadas). As mulheres que estão ocupadas em trabalho assalariado são 31.095 da amostra, enquanto que 12.959 são mulheres com atividade empreendedora.

TABELA 2.2 – Distribuição das mulheres nas regiões brasileiras

Região	Nº obs.	Empreendedora**	Autônoma	Empregadora	Assalariada	Empreendedoras por Região*
Sudeste	14.546	3.661	3.158	503	10.885	0,28
Sul	8.140	2.012	1.669	343	6.128	0,30
Norte	5.304	1.958	1.797	161	3.346	0,15
Nordeste	11.171	3.949	3.626	323	7.222	0,15
Centro-Oeste	4.893	1.379	1.172	207	3.514	0,12
Total	44.054	12.959	11.422	1537	31.095	1,0

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir da PNAD 2015.

* Porcentagem de empreendedoras por região.

** Representa o somatório das Autônomas (4ª coluna) e Empregadoras (5ªcoluna).

Nota-se, a partir dos dados da Tabela 2.2 acima, que das 12.959 empreendedoras presentes na amostra utilizada, 28% encontram-se no Sudeste, 30% no Nordeste, 15% no Sul, 15% no Norte e 12% no Centro-Oeste do país. Com relação às assalariadas são 31.095

indivíduos, dos quais 35% estão no Sudeste, 23% no Nordeste, 20% no Sul, 11% na região Norte e 11% no Centro-Oeste do país. Além disso, pode-se notar que a razão entre empreendedoras e assalariadas é maior no Norte do Brasil com relação às demais regiões. Em contraponto a isto, se têm que a razão entre empregadores e autônomos é menor nas regiões Sudeste e Sul em comparação com as demais regiões.

Com base nas informações obtidas a partir do banco de dados da PNAD (2015), na região Sudeste, 25% das mulheres economicamente ativas são consideradas empreendedoras. Assumindo como empreendedoras o conjunto de empregadoras e autônomas, no Sul 24% são empreendedoras, no Norte 37%, no Nordeste 35% e no Centro-Oeste 28%. Para o Brasil, 29% das mulheres são empreendedoras.

2.5. Resultados

A Tabela 2.3 apresenta o efeito marginal da probabilidade de as mulheres se tornarem empreendedoras no Brasil. O resultado do teste de *Wald* indica que as variáveis explicativas são conjuntamente importantes para explicar a variável dependente. A classificação preditiva aponta que o modelo prevê corretamente 74,03% dos eventos. Ainda é importante destacar que, em geral, os sinais dos coeficientes corresponderam ao esperado e as variáveis são estatisticamente significativas a 1%, com exceção da variável idade ao quadrado que não apresenta resultado estatisticamente significativo.

TABELA 2.3 – Efeito marginal do *probit* para o Brasil

	Efeito Marginal
Branco	0.016*** (0.0044)
Idade	0.0069*** (0.0012)
Idade ao quadrado	-0.0000 (0.0000)
Anos de estudo	
1 a 4 anos	0.0551*** (0.0102)
5 a 8 anos	0.0414*** (0.0087)
9 a 11 anos	-0.0228*** (0.0080)
12 anos ou mais	-0.0399*** (0.0085)
Migrante de retorno	0.0433*** (0.0107)
Vive com cônjuge	0.0737*** (0.0046)
Chefe da família	0.0352*** (0.0045)

Horas de afazeres domésticos	0.0031*** (0.0001)
Idade das crianças	
Até 1 ano	0.0390*** (0.0105)
> 1 - 5 anos	0.0098*** (0.0013)
> 5 - 10 anos	0.0015*** (0.0005)
Renda de não trabalho	0.00003*** (0.0000)
Urbana	-0.1050*** (0.0075)
Metrópole	-0.0171*** (0.0042)
Norte	0.0991*** (0.0067)
Nordeste	0.0812*** (0.0053)
Sul	-0.0225*** (0.0061)
Centro-Oeste	0.0339*** (0.0071)
Observações	44,054
Log-verossimilhança	-23412,131
Teste de Wald	$\chi^2 = 5740,22$
Classificação preditiva	74.03%

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD de 2015. Notas: os desvios-padrões são robustos à heterocedasticidade. * parâmetros significativos a 10%; ** parâmetros significativos a 5%; *** parâmetros significativos a 1%.

O resultado da tabela 2.2 permite inferir que a mulher de cor branca possui 1,6% de probabilidade de ser empreendedora, quando comparada com as demais raças. Borjas e Bronars (1989) e Clark e Drinkwater (1998a) também observaram resultado similar. A idade, por sua vez, é utilizada como uma *proxy* para experiência no mercado de trabalho e mostra que a probabilidade de empreender aumenta em aproximadamente 0,7% a cada ano de idade da mulher.

Quanto aos anos de estudo, é possível observar que a probabilidade de a mulher ser empreendedora se eleva nas primeiras faixas de escolaridade e se reduz para as mais escolarizadas. De um a quatro anos de estudo, a probabilidade é de 5,51% e cai para 4,14% quando a mulher possui de cinco a oito anos de estudo, em comparação a sem instrução (variável omitida). Para as mulheres que possuem doze anos de estudo ou mais, a probabilidade de se tornarem empreendedoras diminui significativamente em aproximadamente 4%. Esse resultado está de acordo com o encontrado por Menezes et al., (2015), em que

indivíduos com mais instrução apresentam maiores chances no mercado de trabalho assalariado.

A posição que as mulheres ocupam dentro de suas famílias reflete na escolha ocupacional. Ser chefe de família aumenta a probabilidade de a mulher se tornar uma empreendedora em 3,52%, enquanto que viver com o cônjuge eleva significativamente a probabilidade de ser empreendedora (7,37%). Esse resultado sugere que mulheres casadas são mais propensas ao empreendedorismo. Lindh e Ohlsson (1996) evidenciaram que a família ampara a mulher no próprio negócio. Blanchflower (2004) e Parker (2004, 2009) salientam que a relação significa mais segurança para a mulher assumir os riscos, pois dá o suporte emocional necessário e a renda do cônjuge oferece mais segurança mediante o risco do negócio.

A idade dos filhos é de extrema importância na decisão de ocupação feminina, pois a probabilidade de uma mulher empreender com filhos de até um ano de idade é de 3,90%. No entanto, essa probabilidade diminui significativamente se a idade dos filhos aumentam mais do que um ano. A probabilidade de as mulheres se tornarem empreendedoras aumentam em 0,31% se elas dedicam mais horas em afazeres domésticas. Esses resultados sugerem que as mulheres recorrem a uma ocupação empreendedora para ter mais flexibilidade na jornada de trabalho e poder conciliar com os cuidados da casa e dos filhos pequenos. Na literatura empírica sobre empreendedorismo não foi averiguado o impacto dessas variáveis na inserção feminina no empreendedorismo, portanto, esse estudo contribui com essa lacuna.

Em relação às mulheres que são migrantes de retorno, ou seja, que são naturais do estado de residência, porém já residiram em outra Unidade da Federação ou país estrangeiro, a probabilidade de empreender ao retornar ao seu estado de origem aumenta em 4,33%. Conforme Mayr e Peri (2008b), no Brasil a migração de retorno contribui positivamente para o empreendedorismo, pois a migração aumenta o capital humano devido ao acúmulo de experiência em outras localidades e riqueza.

Com respeito ao local de residência, observa-se que mulheres que residem na área metropolitana ou na zona urbana apresentam probabilidade negativa em ser empreendedoras. Residir em zona urbana e em metrópoles diminui em 10,5% e 1,71%, respectivamente, a probabilidade de empreender. Tais resultados corroboram os achados de Menezes et al. (2015), mas divergem do estudo de Ács et al. (2008). Nas áreas urbanas e metropolitanas há maior oferta de vagas de trabalho assalariado e salários mais elevados, o que pode favorecer a inserção feminina em ocupações assalariadas.

As *dummies* de região visam captar os efeitos diferenciados das características locais sobre a probabilidade de as mulheres escolherem a ocupação empreendedora. As mulheres das regiões Norte e Nordeste têm maior probabilidade de se tornar empreendedora, 9,91% e 8,12%, respectivamente, relativamente às da região Sudeste. A região Sul é a única que apresenta probabilidade negativa de 2,25% de uma mulher residente nessa região vir a se tornar empreendedora. Tais resultados são similares aos de Menezes et al. (2015).

Também foi estimado o modelo *probit* para cada região do país e os resultados dos efeitos marginais são apresentados na tabela 2.4. O Brasil é um país de grande dimensão territorial, com características muito heterogêneas entre suas regiões. Assim, é importante entender as diferenças regionais através dos principais fatores determinantes do empreendedorismo feminino.

Tabela 2.4 – Efeito marginal do *probit* para as regiões brasileiras

Variáveis	Sudeste	Sul	Norte	Nordeste	Centro-Oeste
Branco	0.0156** (0.0070)	0.0486*** (0.0119)	-0.0091 (0.0144)	-0.0251*** (0.0092)	0.0271* (0.0139)
Idade	0.0050*** (0.0021)	0.0081*** (0.0028)	0.0055 (0.0038)	0.0040 (0.0025)	0.0139*** (0.0037)
Idade ao quadrado	-0.0000 (0.0000)	-0.0000 (0.0000)	0.0000 (0.0001)	-0.0000* (0.0000)	-0.0000 (0.0000)
Anos de Estudo					
1 a 4 anos	0.0361 (0.0190)	-0.0108 (0.0237)	0.1013*** (0.0300)	0.1118*** (0.0190)	0.0150 (0.0322)
5 a 8 anos	0.0320* (0.0161)	0.0014 (0.0201)	0.0818*** (0.0257)	0.0876*** (0.0142)	0.0210 (0.0264)
9 a 11 anos	0.0030 (0.0147)	-0.0202 (0.0188)	-0.0495* (0.0231)	-0.0360** (0.0148)	-0.0186 (0.0237)
12 anos ou mais	0.0055 (0.0155)	0.0479** (0.0195)	-0.1439*** (0.0255)	-0.1362*** (0.0166)	-0.0360 (0.0249)
Migrante de retorno	0.0380 (0.0201)	0.0269 (0.0227)	0.0402 (0.0362)	0.0691*** (0.0205)	0.0251 (0.0304)
Vive com cônjuge	0.0674*** (0.0079)	0.0463*** (0.0111)	0.0812*** (0.0133)	0.0860*** (0.0090)	0.0891*** (0.0140)
Chefe da família	0.0342*** (0.0078)	0.0233** (0.0104)	0.0463*** (0.0133)	0.0307*** (0.0090)	0.0256 (0.0136)
Horas de afazeres dom.	0.0030*** (0.0002)	0.0025*** (0.0111)	0.0046*** (0.0004)	0.0032*** (0.0002)	0.0021*** (0.0004)
Idade das Crianças					
Até 1 ano	0.0415** (0.0194)	0.0056 (0.0258)	0.0340 (0.0262)	0.0664*** (0.0211)	0.0173 (0.0310)
>1 – 5 anos	0.0101*** (0.0024)	0.0114*** (0.0032)	0.0122*** (0.0034)	0.0041 (0.0028)	0.0144*** (0.0041)

>5-10 anos	0.0013 (0.0009)	0.0036*** (0.0012)	0.0001 (0.0013)	0.0013 (0.0010)	0.0012 (0.0015)
Renda do não trabalho	0.00002*** (0.0000)	0.00001 (0.0000)	0.00006*** (0.0000)	0.0006*** (0.0000)	0.00003*** (0.0000)
Urbano	-0.0229 (0.0188)	-0.1305*** (0.0159)	-0.1369*** (0.0188)	-0.0968*** (0.0129)	-0.0242 (0.0281)
Metrópole	-0.0029 (0.069)	-0.0324*** (0.0091)	0.0705*** (0.0137)	-0.0542*** (0.0085)	-0.0517*** (0.0139)
Observações	14,546	8,140	5,304	11,171	4,893
Log-Verossimilhança	-7473,474	-4033,79	-2969,620	-6057,814	-2569,511
Teste de Wald	1369,25	917,53	878,50	2025,74	595,18
Classificação preditiva	75,95%	76,89%	71,76%	72,44%	74,04%

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD de 2015. Notas: os desvios-padrões são robustos à heterocedasticidade. * parâmetros significativos a 10%; ** parâmetros significativos a 5%; *** parâmetros significativos a 1%.

De modo geral, os modelos apresentaram um bom ajustamento, pois através da classificação preditiva obteve-se um bom ajustamento dos modelos para todas as regiões. Em relação à raça, as mulheres de cor branca das regiões Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste apresentam, nesta ordem, 4,86%, 2,71%, 2,51% e 1,56%, maior probabilidade de se tornarem empreendedoras, em comparação às demais raças (categoria omitida). Esse resultado está de acordo com estudos realizados por Borjas e Bronars (1989) e Clark e Drinkwater (1998b) onde mulheres de cor branca, no geral, apresentam mais chances de empreender em relação as demais raças.

Quanto a variável idade, os resultados mostram que um ano a mais de idade aumenta a probabilidade de as mulheres se tornarem empreendedoras nas regiões sudeste, sul e centro-oeste em 0,50%, 0,81%, e 1,39% respectivamente. Tal resultado está de acordo com o encontrado por Menezes et al. (2015) para homens e mulheres do Brasil usando a mesma metodologia. Em contra partida, a idade ao quadrado apresenta um valor muito pequeno e sinal negativo na região Nordeste, o que significa que a chance de se tornar empreendedora aumenta, porém a taxas decrescentes com a idade. Os indivíduos são mais propensos a se tornarem empreendedores à medida que envelhecem, porém o empreendedorismo se torna menos atrativo em idade avançada devido a menor expectativa de vida, ou seja, há o risco de não haver tempo de vida suficiente para recuperar as perdas de investimentos feitos em um negócio (PARKER, 2009).

Com relação à escolaridade, observam-se as mulheres que possuem de 1 a 4 anos de estudo são mais propensas a se tornarem empreendedoras nas regiões Norte e Nordeste, 10,13% e 11,18%, respectivamente, relativamente às sem instrução. Já as mulheres com 5

a 8 anos de estudo têm mais probabilidade de empreender no Sudeste (3,2%) e, principalmente, no Norte (8,18%) e Nordeste (8,76%). Esses resultados corroboram os encontrados por Menezes et al. (2015) e De Camargo Neto et al., (2018).

Para as mulheres mais instruídas, se nota que há uma menor probabilidade ao empreendedorismo no Norte e Nordeste, respectivamente: 4,95% e 3,60%, para o ensino médio, e 14,39% e 13,63%, nível superior. Entretanto, as mulheres com ensino superior residentes da região Sul possuem maior probabilidade de se tornarem empreendedoras, 4,79%. Blanchflower (2004) e Taylor (1996) destacam que a educação é um fator importante para se tornar empreendedor, contudo, quanto mais elevados são os níveis de estudo, mais propensos os indivíduos são aos trabalhos assalariados e isso acontece devido aos custos de oportunidade e para minimizar riscos envolvidos.

A posição que as mulheres ocupam na esfera familiar também afeta a escolha ocupacional. Por exemplo, viver com cônjuge aumenta a probabilidade de a mulher se tornar empreendedora em todas as regiões, principalmente no Centro-Oeste, Nordeste e Norte em 8,91%, 8,60% e 8,12%, respectivamente. Assim, as mulheres que tem uma união conjugal são mais propensas a serem empreendedoras, pois, conforme Rees e Shah (1986), o indivíduo que possui um parceiro estaria mais preparado para assumir riscos.

Por seu turno, a variável chefe de família também exibe um efeito positivo sobre o empreendedorismo, sendo que o fato de viver conjugalmente eleva a probabilidade de a mulher ser empreendedora, destacando as regiões Norte (4,63%) e Sudeste (3,42%). Lindh e Ohlsson (1996) destacam que a família funciona como alicerce para que o indivíduo assumira os riscos de ter um negócio próprio.

No que se refere à idade dos filhos, chama atenção que ter filho de até um ano de idade aumenta a probabilidade de ser empreendedora principalmente nas regiões, Sudeste e Nordeste, 4,15% e 6,64%, respectivamente. No entanto, ter filhos maiores não parece ser determinante para o empreendedorismo. Mulheres com crianças entre um ano de idade e cinco anos exibiram mais de 1% de propensão ao empreendedorismo nas regiões: Sudeste, Sul, Norte e Centro-Oeste. Já ser mãe de crianças com idade entre cinco e dez anos impacta positivamente a probabilidade da região Sul (0,36%). As horas dedicadas às atividades domésticas no domicílio também aumentam a probabilidade de a mulher ser empreendedora em todas as regiões brasileiras.

Com relação à variável de migração de retorno, a região Nordeste foi a única que apresentou significância estatística. Assim, a probabilidade de empreender depois de retornar para a região de origem aumenta no Nordeste em 6,91%, sendo essa a região de onde

mais emigram e retornam pessoas. Mayr e Peri (2008b) destacam que o indivíduo que regressa a região de origem ou nascimento apresenta ganhos em capital humano devido à experiência de trabalho em outras localidades. Queiroz (2010) chama atenção que a migração também favorece o acúmulo de riqueza que pode ser usada para abrir o próprio negócio na região de origem.

Residir em zona urbana reduz a probabilidade em 13,05% e 13,69% de ser empreendedora nas regiões Sul e Norte, respectivamente. Segundo Ács et al. (2008), nas áreas urbanas há maior chance de a mulher conseguir um bom emprego assalariado. Além disso, residir em região metropolitana reduz a probabilidade de ser empreendedora, nas regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste em 3,24%, 5,42% e 5,17%, respectivamente, com exceção da região Norte, onde a probabilidade é positiva (7,05%). Estes resultados sugerem que em áreas metropolitanas, a decisão pelo trabalho assalariado pode ser beneficiada pelas condições de trabalho com remuneração mais elevadas. Resultado semelhante foi encontrado por De Camargo Neto et al., (2018) para o Brasil.

2.6. Considerações Finais

Esse ensaio teve como objetivo analisar quais os fatores determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil e regiões a partir dos dados da PNAD de 2015. Entender o empreendedorismo regional ganha importância devido ao Brasil ser um país heterogêneo. Diferenças como, a qualificação das mulheres, o mercado de trabalho e rendimento médio das mulheres, podem desempenhar um papel fundamental na escolha ocupacional das mulheres.

Os resultados obtidos de escolha ocupacional demonstraram que existem efeitos significativos positivos para as seguintes variáveis: raça, idade, anos de estudos iniciais, assim como a idade dos filhos e viver com cônjuge. Já o fato da mulher possuir mais anos de estudo, como o ensino médio e superior, apresenta um impacto negativo na escolha da mesma em se tornar empreendedora no Brasil.

Ademais, são observadas diferenças entre as regiões brasileiras, enquanto que anos de estudos iniciais demonstraram que existem efeitos significativos positivos na probabilidade das mulheres das regiões Norte e Nordeste empreenderem. As escolaridades mais elevadas apresentam efeitos significativos negativos. O que pode indicar que, em regiões onde há menos postos de trabalho, mulheres com mais qualificação conseguem opor-

tunidades vantajosas no mercado de trabalho assalariado não sendo interessante arriscar um empreendimento.

Residir em região metropolitana apresenta efeitos significativos contrários entre as regiões. A região Nordeste é a única que apresenta efeitos significativos positivos em relação à probabilidade da mulher empreender. Que pode ser explicado por fatores como políticas governamentais, capacidade empreendedora e pesquisa e desenvolvimento. Enquanto que nas regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste os efeitos significativos são negativos.

Por fim, este ensaio contribuiu para a literatura sobre o tema ao produzir informações importantes sobre as mulheres empreendedoras no âmbito regional brasileiro e pode colaborar com a criação de políticas públicas. Principalmente no que diz respeito à burocracia ao empreender, a grande carga tributária. Visto que, estimular o empreendedorismo converge não só para maior autonomia financeira feminina como também melhora seu bem-estar e estimula o desenvolvimento regional. Para trabalhos futuros, fica como sugestão desagregar o empreendedorismo regional em autônomo e empregador para entender se o empreendedorismo ocorre por oportunidade ou por necessidade.

2.7. Bibliografia

ÁCS, Z. J.; AUDRETSCH, D. B. **Handbook of Entrepreneurship Research - An Interdisciplinary Survey and Introduction**. 2nd. ed. ed. New York: Springer, 2011.

ÁCS, Z. J.; BOSMA, N.; STERNBERG, R. **The entrepreneurial advantage of world cities: evidence from global entrepreneurship monitor data**. [s.l.] Jena economic research papers, 2008.

ALLEN, S.; TRUMAN, C. **Women in business : perspectives on women entrepreneurs**. [s.l.] London ; New York : Routledge, 1993.

ARMINGTON, C.; ACS, Z. J. The Determinants of Regional Variation in New Firm Formation. **Regional Studies**, v. 36, n. 1, p. 33–45, 1 fev. 2002.

BERNAT, L. F.; LAMBARDI, G.; PALACIOS, P. Determinants of the entrepreneurial gender gap in Latin America. **Small Business Economics**, v. 48, n. 3, p. 727–752, 1 mar. 2017.

BEYDA, T. T.; CASADO, R. U. Relações de trabalho no mundo corporativo: possível antecedente do empreendedorismo? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 4, p. 1066–1084, 1 jan. 2011.

BLANCHFLOWER, D. **Self-Employment: More may not be better**. Cambridge: National Bureau of Economic Research, Inc, fev. 2004.

BLAU, D. A Time-Series Analysis of Self-employment in the United State. **Journal of Political Economy**, v. 95, n. 3, p. 445–467, 1987.

BÖNTE, W.; PIEGELER, M. Gender gap in latent and nascent entrepreneurship: driven by competitiveness. **Small Business Economics**, v. 41, n. 4, p. 961–987, 1 dez. 2013.

BORJAS, G. J.; BRONARS, S. G. Consumer Discrimination and Self-Employment. **Journal of Political Economy**, v. 97, n. 3, p. 581–605, jun. 1989.

BRUSCHINI, C. Trabalho feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência na discriminação? In: **Trabalho e gênero – mudanças, permanências e desafios**. Rocha MIB, organizadora. São Paulo: Editora 34, 2000.

BUERA, F. J. **Persistency of poverty, financial frictions, and entrepreneurship**.

BUERA, F. J. A dynamic model of entrepreneurship with borrowing constraints: theory and evidence. **Annals of Finance**, v. 5, n. 3–4, p. 443–464, 1 jun. 2009.

CALIENDO, M.; FOSSEN, F.; KRITIKOS, A. S. Personality characteristics and the decisions to become and stay self-employed. **Small Business Economics**, v. 42, n. 4, p. 787–814, 1 abr. 2014.

CARREE, M. A.; THURIK, A. R. The Lag Structure of the Impact of Business Ownership on Economic Performance in OECD Countries. **Small Business Economics**, v. 30, n. 1, p. 101–110, 1 jan. 2008.

CARRIJO, M. DE C.; FERREIRA, S. R. R. Empreendedorismo feminino no Brasil: Uma análise a partir de dados do Global entrepreneurship monitor (GEM). **Empreendedorismo, Gestão e Negócios**, v. 6, n. 6, p. 25, 2017.

CARTER, N. M. **THE ROLE OF RISK ORIENTATION ON FINANCING EXPECTATIONS IN NEW VENTURE CREATION: DOES SEX MATTER?** In: FRONTIERS OF ENTREPRENEURIAL RESEARCH. Wellesley, MA. Babson, 2002.

CASTANHAR, J. C. **Empreendedorismo e desenvolvimento regional no Brasil. Uma análise da relação entre a criação de empresas e o desenvolvimento regional ao longo do tempo e de estratégias de empreendedores selecionados.** [s.l.: s.n.].

CLARK, K.; DRINKWATER, S. Ethnicity and Self-Employment in Britain. **Oxford Bulletin of Economics and Statistics**, v. 60, n. 3, p. 383–407, 1 ago. 1998a.

CLARK, K.; DRINKWATER, S. Ethnicity and Self-Employment in Britain. **Oxford Bulletin of Economics and Statistics**, v. 60, n. 3, p. 383–407, 1 ago. 1998b.

CROMIE, S.; HAYES, J. Towards a typology of female entrepreneurs. **The Sociological Review**, v. 36, n. 1, p. 87–113, 1 fev. 1988.

DAVIES-NETZLEY, S. A. **Gendered Capital: Entrepreneurial Women in American Society.** [s.l.] Taylor & Francis, 2000.

DE BARROS, A. A.; MIRANDA DE ARAÚJO PEREIRA, C. M. Empreendedorismo e Crescimento Econômico: uma Análise Empírica. **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 4, 2008.

DE CAMARGO NETO, R. P. et al. Condicionantes do empreendedorismo no Brasil: uma abordagem regional. 2018.

DROUIN, J. **Os Grandes Economistas.** São Paulo: M. Fontes, 2008.

DU RIETZ, A.; HENREKSON, M. Testing the Female Underperformance Hypothesis. **Small Business Economics**, v. 14, 15 nov. 1999.

ELAM, A.; TERJESEN, S. Gendered Institutions and Cross-National Patterns of Business Creation for Men and Women. **The European Journal of Development Research**, v. 22, n. 3, p. 331–348, 1 jul. 2010.

FERNANDEZ, D. B.; SCOTTO, M.-J.; FISCHER, B. **Entreprendre en France? Les motivations des femmes:** Working Papers. [s.l.] Department of Research, Ipag Business School, 1 jan. 2014.

FOSSON, F. M. Gender differences in entrepreneurial choice and risk aversion – a decomposition based on a microeconomic model. **Applied Economics**, v. 44, n. 14, p. 1795–1812, 1 maio 2012.

FRANCO, M. M. S. **Empreendedorismo Feminino: Características Empreendedoras das Mulheres na Gestão das Micro e Pequenas Empresas** Goiânia, 2014.

FURDAS, M.; KOHN, K. What's the difference?! Gender, personality, and the propensity to start a business. 1 jan. 2010.

GEM. **Global Entrepreneurship Monitor (GEM)**, 2016. Disponível em: <<http://www.gemconsortium.org/>>. Acesso em: 30 set. 2017

GOMES, A. F.; SANTANA, W. G. P. **As habilidades relacionamento mulheres**. In: ANAIS DO SEMINÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO (SEMEAD). São Paulo, 2004.

GRAY, K. R.; FINLEY-HERVEY, J. Women and Entrepreneurship in Morocco: Debunking Stereotypes and Discerning Strategies. **The International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 1, n. 2, p. 203–217, 1 jun. 2005.

GREENE, P. G. et al. Women Entrepreneurs: Moving Front and Center: An Overview of Research and Theory. 2003.

GRILO, I.; THURIK, A. R. Entrepreneurship in the old and new europe. In: **Entrepreneurship, Growth, and Innovation: The Dynamics of Firms and Industries**. 1. ed. New York: Springer, 2006. v. 12.

HECKMAN, J. J. Sample Selection bias as a specification error. **Econometrica**, v. 47, p. 153–162, 1979.

HERMANS, J. et al. **Ambitious entrepreneurship: antecedents and consequences**: Working Papers. [s.l.] University of Namur, Department of Economics, nov. 2012.

HISRIC, R. D.; PETERS, M. P. Entrepreneurship: Starting, Developing, and Managing a New Enterprise. 1989.

KANGASHARJU, A. Regional variations in firm formation: Panel and cross-section data evidence from Finland. **Papers in Regional Science**, v. 79, n. 4, p. 355–373, 1 out. 2000.

LEONE, E. T.; BALTAR, P. Women in the recent recovery of the Brazilian labor market. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 25, n. 2, p. 233–249, dez. 2008.

LINDH, T.; OHLSSON, H. Self-Employment and Windfall Gains: Evidence from the Swedish Lottery. **Economic Journal**, v. 106, n. 439, p. 1515–1526, 1996.

LUCAS, R. On the Size Distribution of Business Firms. **Bell Journal of Economics**, v. 9, n. 2, p. 508–523, 1978.

MACHADO, H. V. The challenge of female successors in a Brazilian family business: a case study. In: **D. Halkias, P. W. Thurman, C. Smith & R. S. Nason. Father-Daughter Succession in Family Business: A Cross-Cultural Perspective**. 1. ed. Farnham: Gower Publishing Ltda, 2011.

MATHEW, V. Women entrepreneurship in Middle East: Understanding barriers and use of ICT for entrepreneurship development. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 6, n. 2, p. 163–181, 1 jun. 2010.

MAYR, K.; PERI, G. **Return Migration as a Channel of Brain Gain**. [s.l.] National Bureau of Economic Research, maio 2008a.

MAYR, K.; PERI, G. **Return Migration as a Channel of Brain Gain**. [s.l.] National Bureau of Economic Research, maio 2008b.

MEIRELES, D. C. **Diferenciais de rendimentos por gênero: uma análise dos efeitos composição e estrutura salarial no Brasil (1976, 1987, 1996 e 2009)**. Dissertação—Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

MENEZES, G. R.; QUEIROS, V. DOS S.; FEIJÓ, F. T. Determinantes do Empreendedorismo no Brasil: uma análise da escolha ocupacional e dos rendimentos. **Enaber**, 2015.

MOORE, D. P.; BUTTNER, E. H. **Women entrepreneurs: moving beyond the glass ceiling**. [s.l.] Sage Publications, 1997.

MORAES, I. S.; DE CAMARGO NETO, R. P.; MENEZES, G. R. Vale a pena ser empreendedor no Brasil? Uma análise utilizando micro dados. **XX Encontro de Economia da Região Sul**, 2017.

MORRIS, M. H. et al. The Dilemma of Growth: Understanding Venture Size Choices of Women Entrepreneurs. **Journal of Small Business Management**, v. 44, n. 2, p. 221–244, 1 abr. 2006.

NASER, K.; NUSEIBEH, R.; AL-HUSSAINI, A. Personal and external factors effect on women entrepreneurs: evidence from kuwait. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 17, n. 02, p. 1250008, 1 jun. 2012.

NERI, M.; CAMARGO, J. M.; REIS, M. C. **Mercado de trabalho nos anos 90 : fatos estilizados e interpretações**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

OECD. **Women Entrepreneurs in Small and Medium Enterprises | OECD READ edition** Paris: OECD, , 1998.

OIT – Organisation Internationale du Travail. Programme des activités sectorielles. **La promotion des femmes aux postes de direction**. Genève : Bureau International du Travail, 1997.

PARKER, S. **The Economics of Self-Employment and Entrepreneurship**. [s.l.] Cambridge University Press, 2004.

PARKER, S. C. **The Economics of Entrepreneurship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

PEREIRA, R. M.; OLIVEIRA, C. A. DE. Os diferenciais de salário por gênero no Rio Grande do Sul: uma aplicação do Modelo de Heckman e da Decomposição de Oaxaca-Blinder. **Redes**, v. 21, n. 1, p. 148–173, 6 maio 2016.

QUEIROZ, V. DOS S. Migração de retorno, diferenciais de salários e autosseleção: evidências para o Brasil. 23 fev. 2010.

REES, H.; SHAH, A. An empirical analysis of self-employment in the U.K. **Journal of Applied Econometrics**, v. 1, n. 1, p. 95–108, 1 jan. 1986.

REYNOLDS, P.; STOREY, D. J.; WESTHEAD, P. Cross-national Comparisons of the Variation in New Firm Formation Rates. **Regional Studies**, v. 28, n. 4, p. 443–456, 1 jul. 1994.

ROPER, S.; SCOTT, J. M. Perceived Financial Barriers and the Start-up Decision: An Econometric Analysis of Gender Differences Using GEM Data. **International Small Business Journal**, v. 27, n. 2, p. 149–171, 1 abr. 2009.

SARFATI, G. Estágios de desenvolvimento econômico e políticas públicas de empreendedorismo e de micro, pequenas e médias empresas (MPMEs) em perspectiva comparada: os casos do Brasil, do Canadá, do Chile, da Irlanda e da Itália. **Revista de Administração Pública**, v. 47, n. 1, p. 25–48, 31 jan. 2013.

SCORZAFAVE, L. G.; MENEZES-FILHO, N. Caracterização da participação feminina no mercado de trabalho: uma análise de decomposição. **Economia Aplicada**, v. 10, n. 1, p. 41–55, mar. 2006.

SEBRAE. **Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras em Micro e Pequenas Empresas 2014-2015**, 2015.

SHRAGG, P.; YACUK, L.; GLASS, A. Study of Barriers Facing Albertan Women in Business. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**, v. 9, n. 4, p. 40–49, 1 jan. 1992.

SILVA, M. S. DA. **Determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil: aplicação de um modelo de escolha ocupacional usando microdados da PNAD de 2015**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, 30 ago. 2017.

STEIL, A. V. Organizações, gênero e posição hierárquica - compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração**, v. 32, n. 3, p. 62–69, 1997.

STILL, L. V.; TIMMS, W. Women's business: the flexible alternative workstyle for women. **Women in Management Review**, v. 15, n. 5/6, p. 272–283, 1 ago. 2000.

STROBINO, M. R. DE C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração (São Paulo)**, v. 49, n. 1, p. 59–76, mar. 2014.

TAMVADA, J. P. **Essays on Entrepreneurship and Economic Development**. Germany: Doctoral thesis (Economics), 14 dez. 2007.

TAYLOR, M. P. Earnings, Independence or Unemployment: Why Become Self-Employed? **Oxford Bulletin of Economics and Statistics**, v. 58, n. 2, p. 253–266, 1 maio 1996.

TERJESEN, S.; AMORÓS, J. E. Female Entrepreneurship in Latin America and the Caribbean: Characteristics, Drivers and Relationship to Economic Development. **The European Journal of Development Research**, v. 22, n. 3, p. 313–330, 1 jul. 2010.

VALE, G. M. V.; CORRÊA, V. S.; REIS, R. F. DOS. Motivações para o empreendedorismo: necessidade versus oportunidade? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 3, p. 311–327, jun. 2014.

VERHEUL, I. et al. Explaining preferences and actual involvement in self-employment: Gender and the entrepreneurial personality. **Journal of Economic Psychology**, Personality and Entrepreneurship, v. 33, n. 2, p. 325–341, 1 abr. 2012.

VIEIRA, J. P. V. S.; JACINTO, P. DE A. Religião e empreendedorismo no Brasil: uma análise utilizando modelos de escolha ocupacional a partir do Censo de 2010. 2015.

WELTER, F.; SMALLBONE, D. Women's entrepreneurship from an institutional perspective: the case of Uzbekistan. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 4, n. 4, p. 505–520, 1 dez. 2008.

WENNEKERS, S.; THURIK, R. Linking Entrepreneurship and Economic Growth. **Small Business Economics**, v. 13, n. 1, p. 27–56, 1 ago. 1999.

WINN, J. Women Entrepreneurs: Can We Remove the Barriers? **The International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 1, n. 3, p. 381–397, 1 set. 2005.

WIT, G. DE. **Determinants of Self-employment**. Heidelberg: Psysica, 1993.

ZANAKIS, S. H.; RENKO, M.; BULLOUGH, A. Nascent entrepreneurs and the transition to entrepreneurship: why do people start new businesses? **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 17, n. 01, p. 1250001, 1 mar. 2012.

APÊNDICE

TABELA A.2.1 – Descrição das variáveis utilizadas nas regressões.

Atributos pessoais	Definição
Raça	Variável binária: 1 - branco; 0 - não branco.
Idade	Idade em anos.
Idade ²	Idade ao quadrado.
Anos de estudo	
Sem instrução	Variável binária: 1 - indivíduos sem instrução; 0 para os demais.
De 1 a 4 anos de estudo	Variável binária: 1 - possui de 1 a 4 anos de estudo; 0 - para os demais.
De 5 a 8 anos de estudo	Variável binária: 1 - possui de 5 a 8 anos de estudo; 0 - para os demais.
De 9 a 11 anos de estudo	Variável binária: 1 - possui de 9 a 11 anos de estudo; 0 - para os demais.
Acima de 12 anos de estudo	Variável binária: 1 - possui 12 ou mais anos de estudo; 0 - para os demais.
Família	
Estado civil	Variável binária: 1 - vive com cônjuge; 0 - para os demais.
Chefe	Variável binária: 1 - responsável pela família; 0 - para os demais.
Afazeres domésticos (horas)	Horas dedicadas aos afazeres domésticos.
Idade dos filhos	
Até 1 ano	Variável binária: 1 - criança até 1 ano; 0 - para os demais.
>1 - 5 anos	Variável binária: 1 - criança maior de 1 ano até 5 anos; 0 - para os demais.
>5 - 10 anos	Variável binária: 1 - criança maior de 5 anos até 10 anos; 0 - para os demais.
Renda	
Renda de não trabalho	Variável binária: 1 - se recebe renda de não trabalho; 0 - se não recebe.
Variáveis Demográficas	
Migrante de retorno	Variável binária: 1 - se residiu em outro país ou estado; 0 - se não residiu.
Urbano	Variável binária: 1 - se reside na região Urbana; 0 - se não reside.
Agrícola	Variável binária: 1 - se reside na região Agrícola; 0 - se não reside.
Metrópole	Variável binária: 1 - se reside na Metrópole; 0 - se não reside.
Norte	Variável binária: 1 - se reside na região Norte; 0 - se não reside.
Nordeste	Variável binária: 1 - se reside na região Nordeste; 0 - se não reside.
Sul	Variável binária: 1 - se reside na região Sul; 0 - se não reside.
Centro-oeste	Variável binária: 1 - se reside na região Centro-Oeste; 0 - se não reside.
Sudeste	Variável binária: 1 - se reside na região Sudeste; 0 - se não reside.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD de 2015.

3. DIFERENCIAL DE RENDIMENTO NO EMPREENDEDORISMO FEMININO

RESUMO

O objetivo desse ensaio é investigar o diferencial de rendimentos entre mulheres empreendedoras e assalariadas usando a Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílios (PNAD) de 2015. Para tanto, é aplicada a decomposição detalhada e Oaxaca-Blinder e o método *heckit* para contornar o problema de autosseleção amostral. Os resultados encontrados sugerem que a empreendedora autônoma ganha 24% menos do que a assalariada, enquanto que a empregadora auferir 80% a mais do que a assalariada e os principais fatores que explicam essas diferenças de renda são os não observados: idade, escolaridade e viver com cônjuge. Assim, há evidências de que as mulheres trabalham por conta própria por falta de melhores oportunidades do mercado de trabalho.

Palavras-Chave: Empreendedorismo Feminino, Heckman, Oaxaca-Blinder, Rendimentos.
Classificação JEL: L26, C35, J31, J24.

ABSTRACT

The objective of this essay is to investigate the income differential between women entrepreneurs and wage earners using the National Household Sample Survey (PNAD) of 2015. For this purpose, detailed decomposition and Oaxaca-Blinder and the *heckit* method are used to overcome the problem of self-selection. The results suggest that the self-employed entrepreneur earns 24% less than the salaried employee, while the employer earns 80% more than the salaried employee and the main factors explaining these income differences are the ones not observed: age, schooling and living with spouse. Thus, there is evidence that women are self-employed for lack of better job market opportunities.

Keywords: Women's Entrepreneurship, Heckman, Oaxaca-Blinder, Income.

JEL Classification: L26, C35, J31, J24.

3.1. Introdução

O objetivo desse ensaio é investigar o diferencial de rendimentos entre mulheres empreendedoras e assalariadas no Brasil usando os dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) de 2015. Os métodos aplicados são a decomposição detalhada de Oaxaca-Blinder (1973) e de Heckman (1979) para contornar o viés de seleção amostral.

De acordo com Buera (2008, 2009), empreendedor é o indivíduo que investe seu trabalho em conjunto com seu capital humano e faz uso da tecnologia existente com a finalidade de produzir um produto. Segundo o economista Joseph Alöis Schumpeter (1883-1950), o agente empreendedor “*não é um cientista criando uma nova invenção, mas é quem utiliza novos meios de produção de maneira inovadora, mais vantajosa*” (DROUIN, 2008, p. 140).

As mulheres estão se inserindo cada vez mais no mercado de trabalho nos últimos anos. Segundo dados da PNAD, em 1992, aproximadamente 54% das mulheres trabalhavam já em 2015, a proporção de mulheres que ofertavam trabalho foi de 66%. Esse aumento se deve às modificações nas relações matrimoniais, tais como maior número de mulheres chefes de família, sustento de filhos pequenos, jornada de trabalho em casa e considerável aumento no grau de instrução formal (OLIVEIRA; JACINTO, 2017).

O avanço da inserção feminina no mercado de trabalho vem favorecendo o engajamento no empreendedorismo, pois os dados da pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) de 2016 apontam que no Brasil, a percentagem de mulheres que abriram novas empresas é de 51,5%, ao passo que os homens registraram 48,5% dos novos negócios abertos. Com respeito aos empreendimentos consolidados, ou seja, empresas abertas com três anos ou mais, os homens são os responsáveis pela maioria dos empreendimentos (57,3%), enquanto que as mulheres representam 42,7% do total dos negócios brasileiros.

Em diversos países as mulheres representam uma parcela significativa em relação à escolha ocupacional pelo empreendedorismo. Nos países que compõem o continente Europeu e os Estados Unidos, a percentagem de mulheres empreendedoras é de 15% e 10,5%, respectivamente (OIT, 1997). No Brasil, segundo a PNAD de 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a percentagem de empreendedoras é de 19,9%.

De acordo com a literatura sobre o empreendedorismo, as mulheres possuem diferentes razões para empreender tais como aspiração pela realização pessoal e independência financeira, espaço no mercado de trabalho, dificuldade para ascender na carreira

profissional em empresas privadas, problemas financeiros e oportunidade de conciliar o trabalho e a família (CROMIE; HAYES, 1988; HISRICH; PETERS, 1989; MOORE; BUTTNER, 1997).

O crescimento da mulher no empreendedorismo se deve em grande parte, não apenas pelo avanço da mulher no mercado de trabalho, mas também como resposta à discriminação sofrida em ambientes corporativos, onde a não equidade entre homens e mulheres ainda persiste. Para Strobino e Teixeira, (2014), é preciso lembrar que as mulheres são associadas às atividades domésticas, é perceptível que elas desempenham a maior parte desse trabalho, principalmente as tarefas erroneamente caracterizadas como tipicamente femininas, como os cuidados com os filhos e afazeres domésticos. Acarretando em múltiplos papéis, reconhecidos pelos próprios homens que a percebem como uma característica inerente à mulher.

Lucas (1978), enfatiza que os indivíduos investem na carreira profissional que lhes dá a maior utilidade esperada e que a escolha pelo empreendedorismo depende das habilidades. Assim, os indivíduos que apresentam habilidades comuns (menos hábeis) permanecem como assalariados, à medida que indivíduos que apresentam mais habilidades (mais hábeis) se arriscam como empresários de seus próprios negócios (empreendedores).

O indivíduo é considerado como autônomo quando está ocupado por conta própria sem empregados, já o empregador possui um negócio próprio e tem funcionários. De acordo com pesquisas sobre o tema, as ocupações autônoma e empregadora são comumente usadas como *proxies*⁷ para denotar empreendedorismo.

Moraes et al. (2017) investigam se existem diferenças entre o salário do empreendedor e do assalariado no Brasil. Estimando uma equação do tipo *minceriana* com correção para autosseleção, com o intuito de explicar a escolha pela ocupação empreendedora em função dos ganhos relativos ao trabalho assalariado. Ainda fazem uma decomposição do diferencial de salários por categoria a partir do procedimento de Oaxaca-Blinder.

A partir da revisão da literatura, não se identificou trabalhos que examinaram o diferencial de renda da mulher empreendedora no Brasil. Diante disso, neste ensaio é realizada uma investigação detalhada do diferencial de rendimentos entre a mulher ocupada como assalariada e a empreendedora. Para tanto, são usadas as *proxies* de empreendedo-

⁷ Ver Menezes et al.,(2015); Evans e Leighton, (1989); Gentry e Hubbard, (2000).

rismo, autônomo e empregador, para entender se a inserção acontece por necessidade ou por oportunidade.

O cálculo da diferença de renda é feito usando a decomposição detalhada de Oaxaca-Blinder (1973) a fim de identificar os fatores que contribuem para o diferencial. No entanto, as equações de rendimentos devem ser controladas para viés de seleção amostral aplicando o método de Heckman (1979), pois há características não observadas, como habilidades empreendedoras, motivação, determinação, etc., que podem tornar as estimativas de rendimentos tendenciosas.

O ensaio está estruturado em cinco seções, incluindo esta introdução. Logo em seguida, na seção dois, apresenta-se a revisão de literatura. Já na seção três são apresentadas as estratégias empíricas, enquanto que, na seção quatro, será apresentado o diferencial de rendimento no empreendedorismo feminino no Brasil. Por fim, no capítulo cinco são apresentadas as considerações finais.

3.2.Referencial Teórico

No Brasil, o empreendedorismo se popularizou a partir da década de 1990, o que contribuiu para a gradativa participação desse tipo de negócio na economia do país. O que foi fortalecido com a entrada em vigor da Lei Geral da Micro e Pequena Empresa em 2007, e da Lei do Microempreendedor Individual, em 2008.

O incentivo ao empreendedorismo é visto como instrumental para o crescimento econômico, além de ter um papel relevante na geração de empregos e melhoria na renda das famílias (STEL; CARREE; THURIK, 2005). Em 2015, a taxa de empreendedorismo no país foi de 36%. Significando que, 48 milhões de brasileiros com idade entre 18 e 64 anos estavam envolvidos na criação ou na manutenção de algum negócio, na condição de empreendedor em estágio inicial ou estabelecido (GEM, 2016).

De acordo com Lucas (1978), a habilidade empreendedora $\theta \in [\underline{\theta}, \bar{\theta}]$ entre os indivíduos é indicada por $H(\theta)$. Sendo que $\bar{\theta}$ indica o potencial empreendedor elevado e $\underline{\theta}$ o caso contrário. Conforme Wit (1993), os indivíduos podem optar entre trabalhar por um salário w ou empreender e receber um lucro π e, conforme apresentado em Menezes et al. (2015), supõe-se que o bem produzido é homogêneo, com demanda representada por $X(p)$ e crescente no preço no bem p , a eficácia empreendedora dos indivíduos reflete apenas na função custo $c(\theta, x)$ onde o custo marginal é absolutamente decrescente em θ . Assim o indivíduo empreendedor maximizará seu lucro escolhendo o nível adequado de produto:

$$\text{Max}_x[\pi \equiv px - c(\theta, x)] \quad (1)$$

Portanto, a capacidade de produção e os lucros dependerão de $\underline{\theta}$. Assim sendo, quanto maior é θ , maiores são os lucros e o nível de produção $x(\theta, p)$, onde indivíduos com maior θ têm um custo marginal menor. Como resultado, o indivíduo optará por empreender se $\pi(\theta, x)$ se mostrar mais vantajoso que a opção de trabalho pelo salário w , o equilíbrio é determinado quando:

$$\pi = px - c(\theta^*, x) = w \quad (2)$$

A capacidade empreendedora inicial é representada por θ^* , para um determinado nível de w , que indica o momento em que o indivíduo é indiferente entre ser empreendedor ou emprego assalariado. No momento em que $\theta < \theta^*$ a atividade assalariada se mostra mais vantajosa para o indivíduo, e o oposto ocorre quando $\theta > \theta^*$ onde a atividade empreendedora é mais vantajosa (MENEZES et al., 2015).

Os países desenvolvidos são os pioneiros sobre as pesquisas envolvendo o empreendedorismo feminino. (NASER et al., 2012). Na grande maioria, as mulheres iniciam no empreendedorismo com empresas pequenas e com poucos funcionários (MORRIS et al., 2006). Para Naser et al. (2012), o principal motivador do empreendedorismo feminino são os fatores pessoais. Esse argumento classifica os fatores pessoais em duas circunstâncias principais: um momento de dificuldades financeiras que impulsionam as mulheres para o estabelecimento de negócios como forma de gerar renda e fatores chamados de “positivos”, onde as mulheres optam em ter o próprio negócio como forma de realização pessoal.

Enquanto que analisar a participação das mulheres em atividades empreendedoras tem sido o objeto em recorrentes estudos de Scorzafave e Menezes-Filho (2006), são poucos os pesquisadores que procuram entender a dinâmica do rendimento desse segmento econômico de acordo com Andersson e Wadensjö (2006) ou o hiato entre retornos de empreendedores e não empreendedores (PARKER, 2009).

Na literatura contemporânea, destacam-se os artigos de Crespo e Reis (2004), Giuberti e Menezes-Filho (2005), Cacciamali e Rosalino (2010), Fossen (2012) e Bernat et al. (2017), no que especifica ao hiato salarial. A partir da metodologia de decomposição de *Oaxaca-Blinder* (1973) amplamente utilizada para o estudo do diferencial salarial, é possível destacar os trabalhos de Almeida e Besarria (2014), Pereira (2016), entre outros. O trabalho de Fairlie (2006) apresenta uma extensão do método de *Oaxaca-Blinder*.

Outros motivos para o estabelecimento de empresas por mulheres, de acordo com Davies-Netzley (2000) e Still e Timms (2000), é a necessidade de um horário de trabalho flexível para que possa conciliar o trabalho e a família. Carter (2002) menciona que a mulher após um período afastada do mercado de trabalho por motivo de repouso ou de desemprego, principalmente para cuidar de filhos pequenos ou de pessoas idosas também é razão pelas quais as mulheres empreendem. Em empresas familiares, onde as mulheres são herdeiras dificilmente têm espaço suficiente no negócio familiar e preferem estabelecer sua própria empresa (MACHADO, 2011).

Fernandez et al. (2014) e Morris et al. (2006) destacam que as mulheres necessitam provar para si mesmas que são capazes de conduzir a própria empresa. A hipótese de conseguir a independência financeira e concretizar uma oportunidade de negócios foi observada por Vale et al. (2014). As mulheres também podem ser motivadas por ganhar dinheiro para fundar seu empreendimento próprio, segundo Naser et al. (2012) e Zanakis et al. (2012). Uma vez que ao ter o próprio empreendimento se cria a oportunidade de acumular capital além do que seria possível com o trabalho assalariado, como no caso de pessoas mais ambiciosas, como o destacado por Hermans et al. (2012). Ou para incrementar seu poder de compra destacado por Beyda e Casado (2011) e Fernandez et al. (2014). Ademais, a independência financeira e a tendência para enfrentar desafios que vão além do ambiente doméstico, também são motivos para o estabelecimento de empresas por mulheres (FERNANDEZ et al., 2014; ZANAKIS et al., 2012).

Bartalotti (2007) utilizou a metodologia de *Oaxaca-Blinder* (1973) para regressões quantílicas com dados para o Brasil. Onde as mulheres sofrem com a discriminação no mercado de trabalho por cor e gênero, estando assim na pior situação entre os grupos estudados. A remuneração dado o investimento em educação indica ganhos crescentes conforme a posição na distribuição salarial ampliando a desigualdade salarial, e que as mulheres sofrem discriminação no que diz respeito à educação nos níveis salariais mais elevados.

No trabalho de Oliveira e Jacinto (2017), foi examinada a evolução dos rendimentos das mulheres empreendedoras no Brasil entre 1992-2015. Os resultados apontaram que a idade assume um papel relevante na evolução dos rendimentos das autônomas e das empregadoras informais. Através de um efeito de coorte que permitiu um acréscimo de renda às autônomas, por meio da abertura e criação de novas oportunidades a esse segmento de mulheres.

Menezes et al., (2015) faz uma análise dos determinantes do empreendedorismo no Brasil, evidenciando que características socioeconômicas e geográficas são relevantes

para a escolha ocupacional dos indivíduos, de forma que há características que aumentam e outras que diminuem a chance de se tornar empreendedor. Além de que, os autores também fazem a correção do viés de seleção por meio do modelo proposto por *Heckman*, encontram que os salários são relevantes na escolha ocupacional dos indivíduos.

Moraes et al. (2017) investiga se existem diferenças entre o salário do empreendedor e do assalariado no Brasil. Estimando uma equação do tipo *minceriana* com correção para autosseleção, com o intuito de explicar a escolha pela ocupação empreendedora em função dos ganhos relativos ao trabalho assalariado. Ainda fazem uma decomposição do diferencial de salários por categoria a partir do procedimento de Oaxaca-Blinder. Obtiveram efeitos significativos para as variáveis: anos de estudos iniciais, sexo, estado civil assim como pensionista e aposentado. Encontraram que em média os indivíduos que escolheram a carreira de empreendedor no Brasil, obtém um rendimento em torno de 19,68% mais elevado em comparação aos assalariados.

Vian e Queiroz (2017) investigaram através de duas bases de dados, como o empreendedorismo atinge os rendimentos dos idosos brasileiros com mais de 60 anos de idade. Os principais resultados demonstraram que os fatores que favorecem a entrada do idoso na ocupação de empreendedor são: homens, brancos, anos de estudo iniciais, casado, região onde vive, bem como a condição de aposentado. Encontraram que para 2003 os assalariados com os níveis de ensino médio e superior apresentaram maiores rendimentos frente aos autônomos com mesmo grau de instrução, sofrendo uma redução no ano de 2013 onde se notam maiores rendimentos aos autônomos, indicando para o empreendedorismo por oportunidade dos mais bem instruídos.

3.3. Estratégia Empírica

Nesta seção será primeiramente apresentada a metodologia de Heckman e em seguida o método de decomposição de Oaxaca-Blinder. O método de Heckman (1979) é usado para corrigir o possível viés de seleção nas equações de rendimentos decorrente da presença de habilidades não observáveis. Esse método propõe duas etapas para controlar o referido viés de seleção. Na primeira etapa é estimado um *probit* para gerar o fator de controle dos rendimentos e, na segunda etapa, esse termo de controle é introduzido nas equações de rendimentos e estes são usadas para o cálculo do diferencial de rendimentos através da decomposição de Oaxaca-Blinder. Primeiramente será apresentada a metodologia de Heckman e em seguida o método de decomposição de Oaxaca-Blinder.

3.3.1. Modelo de Heckman

Os rendimentos esperados pelas mulheres, nas ocupações empreendedora e assalariada, são determinados pelas seguintes equações *mincerianas*, respectivamente:

$$Y_e = X_e \beta_e + \varepsilon_e \quad (3)$$

$$Y_a = X_a \beta_a + \varepsilon_a \quad (4)$$

Onde e é empreendedora e a é a assalariada; Y_e e Y_a são, respectivamente, os rendimentos por hora (em logaritmo) auferidos, pela empreendedora e assalariada, β_e e β_a são os vetores de parâmetros das equações de rendimentos das empreendedoras e assalariadas, respectivamente; X_e e X_a são vetores de características dos grupos de mulheres empreendedoras e assalariadas, nesta ordem; ε_e e ε_a são os respectivos termos estocásticos, normalmente distribuídos com média constante e variância, dados por σ_e^2 e σ_a^2 .

De acordo com Heckman (1979), o problema de viés de seleção pode ocorrer por autosseleção dos indivíduos da amostra, ou seja, a presença de melhores características não observadas relacionadas às habilidades empreendedoras pode levar o indivíduo a ser mais determinado, motivado, batalhador, etc., que tornariam as estimativas dos rendimentos tendenciosas se estimadas por Mínimos Quadrados Ordinários (MQO).

Para controlar a autosseleção na amostra, Heckman (1979) sugere um procedimento em dois estágios, método também conhecido como *heckit*, que consiste em estimar um modelo *probit* univariado, $Pr(Y_1 = 1) = ()$ para toda amostra conjunta de empreendedoras e assalariadas:

$$Y^* = X\beta + \epsilon, \quad Y = \begin{cases} 1 & \text{se } Y^* > 0 \\ 0 & \text{se } Y^* \leq 0 \end{cases} \quad (5)$$

Onde Y^* é uma variável latente que representa a utilidade de escolha entre ser empregadora/autônoma ou assalariada; Y é uma variável indicadora binária que assume o valor 1 se a mulher opta pelo trabalho empreendedor e 0 se escolhe trabalho assalariado, portanto, a disposição de ocupação feminina entre trabalho empreendedor e assalariado deriva da comparação das utilidades potenciais proporcionadas por cada categoria: se $Y^* > 0$, a mulher escolhe o trabalho empreendedor e se $Y^* \leq 0$, escolhe trabalho assalariado; X é um vetor de características que concerne a escolha ocupacional das mulheres β

são vetores de parâmetros estruturais do modelo estrutural; ϵ é um termo de erro aleatório que capta a influência de fatores não observados. O *probit* é estimado por Máxima Verossimilhança.

Através da predição linear da equação (5), $\hat{Y} = X\hat{\beta}$, calculam-se os fatores de controle para viés de seleção amostral (taxas inversas de Mill) da seguinte forma:

$$\lambda_e \equiv \frac{\phi(\hat{Y})}{\Phi(\hat{Y})} \text{ para a ocupação empreendedora} \quad (6)$$

$$\lambda_a \equiv \left[-\frac{\phi(\hat{Y})}{1-\Phi(\hat{Y})} \right] \text{ para a ocupação assalariada} \quad (7)$$

onde $\phi(\cdot)$ representa a função de densidade normal padrão e $\Phi(\cdot)$ a função de densidade normal acumulada (MADDALA, 1983).

Os termos de correção λ_e e λ_a são inseridos nas regressões de rendimentos (3) e (4) como regressores adicionais. Portanto, as equações de rendimentos *mincerianas* podem ser estimadas da seguinte forma:

$$\hat{Y}_e = X_e\hat{\beta}_e + \hat{\sigma}_e\hat{\rho}_e\lambda_e \quad (8)$$

$$\hat{Y}_a = X_a\hat{\beta}_a + \hat{\sigma}_a\hat{\rho}_a\lambda_a \quad (9)$$

Onde, $\hat{\rho}_e$ e $\hat{\rho}_a$, são, sequencialmente, os coeficientes de correlação entre os termos de erro das equações de rendimentos das empreendedoras e assalariadas com o termo de erro estocástico da equação de seleção (5)⁸; $\hat{\sigma}_e$ e $\hat{\sigma}_a$ são os desvios-padrão dos termos de erro das equações de rendimentos das empreendedoras e assalariadas, respectivamente.

Se $\rho \neq 0$, indica a presença de viés de seleção e justifica o uso do procedimento de Heckman. Com isso controla-se o viés de seleção nas estimativas dos rendimentos tanto das empreendedoras como das assalariadas e as equações (8) e (9) podem ser estimadas por MQO.

3.3.2. Diferencial de Rendimentos: Decomposição de Oaxaca-Blinder

Para calcular o diferencial de rendimentos existente entre empreendedoras e assalariadas é empregada a decomposição de Oaxaca (1973) e Blinder (1973) como apresenta-

⁸ $Corr(\epsilon; \epsilon_e) = \rho_e$ e $Corr(\epsilon; \epsilon_a) = \rho_a$

da por Jann (2008). A finalidade é identificar quanto desse diferencial é devido às características explicadas e não explicadas relacionadas à produtividade ou habilidades não observadas.

A diferença média \hat{R} estimada entre os rendimentos Y_e e Y_a em logaritmo das empreendedoras e assalariadas (equações 8 e 9) pode ser calculada, conforme Jann (2008), da seguinte forma⁹:

$$\hat{R} = E(Y_e) - E(Y_a) = \bar{Y}_e - \bar{Y}_a = \bar{X}_e \hat{\beta}_e - \bar{X}_a \hat{\beta}_a \quad (10)$$

Onde, $E(Y_e)$ e $E(Y_a)$ são os valores esperados dos rendimentos das empreendedoras e assalariados, ou seja, são as médias \bar{Y}_e e \bar{Y}_a dos rendimentos, \bar{X}_e e \bar{X}_a são os vetores médios dos regressores, $\hat{\beta}_e$ e $\hat{\beta}_a$ são os vetores de parâmetros estimados.

De acordo com Jann (2008), a diferença de rendimentos na equação (10) pode ser decomposta da seguinte forma:

$$\hat{R} = \bar{Y}_e - \bar{Y}_a = [E(X_e) - E(X_a)] \beta^* + [E(X_e) (\hat{\beta}_e - \beta^*) + E(X_a) (\beta^* - \hat{\beta}_a)] \quad (11)$$

Onde, $\beta^* = \beta_e$ ou $\beta^* = \beta_a$, dependendo de qual é o grupo de referência¹⁰ escolhido, o primeiro componente $\{\bar{X}_e - \bar{X}_a\} \beta^*$ é a parte do diferencial de renda que é “explicada” pelas diferenças entre os preditores dos grupos (efeito quantidade) e o segundo componente entre colchetes é a parte “não explicada” do diferencial que é atribuída às características não observadas que englobam os diferentes níveis de habilidades empreendedoras.

A categoria base normalmente auferes menor rendimento. Se, por exemplo, a categoria base escolhida for a assalariada¹¹, então pode-se utilizar o coeficiente $\hat{\beta}_e$ das empreendedoras como uma estimativa para β^* . Logo, a decomposição (11) é computada da seguinte forma:

$$\hat{R} = (\bar{X}_e - \bar{X}_a) \hat{\beta}_e + \bar{X}_a (\hat{\beta}_e - \hat{\beta}_a) \quad (12)$$

⁹ $E(Y) = E(X\beta + \varepsilon) = E(X\beta) + E(\varepsilon) = E(X)\beta$, $= 2,3$. Onde $E(\beta) = \beta$ e $E(\varepsilon) = 0$ por suposição.

¹⁰ Ver Oaxaca (1973) e Blinder (1973).

¹¹ Para efeitos desse estudo, será usada a categoria base assalariada ou empreendedora.

Assim, um valor positivo do componente explicado sugere que as empreendedoras são positivamente selecionadas em atributos observados, quando comparadas com as assalariadas. O segundo componente mensura a porção da diferença de renda entre os dois grupos caso cada mulher do grupo empreendedor tenha os mesmos atributos médios de cada mulher do grupo assalariado. Se esse componente apresentar sinal positivo, indica que as mulheres empreendedoras possuem uma renda média relativamente superior devido às melhores habilidades não observadas.

Adicionalmente será feita uma decomposição detalhada do hiato de rendimento para computar a contribuição de cada covariada nas partes explicada e não explicada. Assim, a soma da contribuição individual das explicativas resulta no total da parte explicada do diferencial da equação (12):

$$\hat{Q} = (\bar{X}_e - \bar{X}_a)' \hat{\beta}_e = (\bar{X}_{1e} - \bar{X}_{1a}) \hat{\beta}_{1e} + (\bar{X}_{2e} - \bar{X}_{2a}) \hat{\beta}_{2e} + \dots + (\bar{X}_{ne} - \bar{X}_{na}) \hat{\beta}_{ne} \quad (13)$$

Onde $\hat{\beta}_{1e}, \hat{\beta}_{2e}, \dots, \hat{\beta}_n$ são os coeficientes associados e $\bar{X}_e, \bar{X}_a, \dots, \bar{X}_n$ são variáveis explicativas. O primeiro somatório contempla a contribuição das diferenças do grupo em \bar{X}_e ; o segundo, as diferenças de \bar{X}_a ; e assim por diante.

Do mesmo modo, as contribuições individuais para a parte não explicável da equação (13) são os seguintes somatórios:

$$\hat{U} = \bar{X}_a' (\hat{\beta}_e - \hat{\beta}_a) = \bar{X}'_{1a} (\hat{\beta}_{1e} - \hat{\beta}_{1a}) + \bar{X}'_{2a} (\hat{\beta}_{2e} - \hat{\beta}_{2a}) + \dots + \bar{X}'_{na} (\hat{\beta}_{ne} - \hat{\beta}_{ne}) \quad (14)$$

3.4. Base de Dados e Tratamentos

O presente trabalho utiliza os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e disponível na data do presente estudo.

A amostra constitui-se de mulheres com idade entre 18 e 75 anos. Segundo a metodologia da GEM (2016), o recorte por idade é essencial para excluir indivíduos que não têm condições de estar inseridos no mercado de trabalho como empregadores abaixo do limite inferior de idade. Para o recorte de idade no limite superior foi possível observar na amostra um número significativo de mulheres idosas ocupadas como empreendedoras. Adicionalmente e com o objetivo de eliminar possíveis distorções na análise, permanece-

ram na amostra apenas as mulheres ocupadas que apresentam rendimento até R\$ 40.000,00.¹²

Para efeito desse trabalho, considera-se empreendedora a mulher que está ocupada como autônoma ou como empregadora, que são utilizadas como *proxies* do empreendedorismo. Segundo o IBGE, as pessoas são definidas como empregadoras quando o empreendimento possui pelo menos um funcionário assalariado, já as autônomas trabalham por conta própria sem funcionário. Enquanto que o assalariado é um empregado de uma empresa ou entidade, que recebe remuneração regular pelas atividades desempenhadas.

A variável dependente Y_i “empreendedora” (empregador e autônomo) assume o valor 1 se a mulher estiver ocupada em uma dessas ocupações e assume o valor zero se a mulher estiver inserida no mercado de trabalho como assalariada.

As variáveis explicativas que captam as características socioeconômicas e demográficas utilizadas para explicar a variável dependente “ Y_i ” foram selecionadas com base na teoria sobre empreendedorismo. Portanto, as covariadas utilizadas são: raça, idade, idade ao quadrado, *dummies* para escolaridade¹³, vive com o cônjuge, chefe de família, horas dedicadas aos afazeres domésticos, renda do não trabalho, idade dos filhos¹⁴, migrante de retorno, região urbana, área metropolitana e por fim *dummies* para as regiões norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste.

Ressalta-se que algumas variáveis foram excluídas das equações de rendimentos para identificar o modelo de Heckman, tais como: renda do não trabalho, idade dos filhos, horas dedicadas aos afazeres domésticos e migrante de retorno, seguindo a proposta de exclusão de variáveis de Maddala (1983). Segundo esse método, estas variáveis influenciam na escolha pela carreira empreendedora, porém não afetam diretamente a determinação de rendimentos.

Para calcular média da remuneração por hora trabalhada, foi criada uma variável de rendimento por hora a partir do proposto por Mincer (1974), em que é feita a divisão dos rendimentos do trabalho principal mensal por 4,2¹⁵. Assim, tanto os rendimentos como as horas trabalhadas estão na mesma unidade semana.

A partir da tabela 3.1, é possível conferir as estatísticas descritivas da amostra após os recortes mencionados e exclusão dos valores *missings*. O total da amostra foi de

¹² Somente 8 observações estavam acima deste valor, as mesmas foram excluídas. Pois se tratava de *outliers*.

¹³ A escolaridade está classificada como: sem instrução, 1-4 anos de estudo, 5-8 anos de estudo, 9-11 anos de estudo e 12 anos de estudo ou mais.

¹⁴ A idade dos filhos está classificada como: até 1 ano de idade, > 1-5 anos de idade, > 5-10 anos de idade.

¹⁵ Um mês tem trinta dias e é dividido por sete dias da semana, o que resulta em 4,2.

44.916 mulheres para o Brasil, em que 13.623 observações eram empreendedoras e 31.293 assalariadas.

TABELA 3.1 – Estatística descritiva das amostras

Atributos Pessoais	Empreendedora	Assalariada
Branco	0,4438	0,4861
Anos de Estudo		
Sem instrução	0,0513	0,0168
1 a 4 anos	0,1322	0,0473
5 a 8 anos	0,2232	0,1340
9 a 11 anos	0,3726	0,0466
12 anos ou mais	0,1900	0,2824
Família		
Vive com cônjuge	0,6541	0,5253
Chefe da família	0,4432	0,3375
Variáveis Demográficas		
Migrante de retorno	0,0455	0,0278
Urbano	0,8823	0,9478
Metrópole	0,4018	0,4582
Norte	0,1493	0,1072
Nordeste	0,3048	0,2321
Sul	0,1565	0,1971
Centro-oeste	0,1060	0,1126
Sudeste	0,2831	0,3507
Média		
Idade	43,5284	34,9884
Idade ao quadrado	2018,497	1347,823
Afazeres domésticos (horas)	21,4759	15,8849
Renda de não trabalho	229,6171	85,5430
Número de crianças por idade		
Até 1 ano	0,0345	0,0336
>1 - 5 anos	0,5517	0,5282
>5 - 10 anos	1,7560	1,6461
Observações	13.623	31.293

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da PNAD 2015

Em relação às variáveis, em relação à raça, 44% das mulheres que são empreendedoras são da raça branca, enquanto que as assalariadas representam aproximadamente 49%. A idade média da mulher empreendedora é de aproximadamente 43 anos. Enquanto que a idade média da mulher assalariada é de aproximadamente 35 anos.

A partir da sua condição familiar, as mulheres que vivem com cônjuge são aproximadamente 65% das empreendedoras e as assalariadas aproximadamente 53%. As chefes da família são aproximadamente 44% empreendedoras e aproximadamente 34% assalariadas. No que diz respeito à renda do não trabalho, as mulheres empreendedoras recebem em média aproximadamente R\$ 230,00 por mês, enquanto que as mulheres assalariadas recebem em média aproximadamente R\$ 86,00 por mês.

A partir da tabela 3.2, é possível conferir as estatísticas descritivas da amostra para as empreendedoras empregadoras e autônomas. O total da amostra foi de 13.623 mulhe-

res empreendedoras para o Brasil, em que 1.598 observações eram empregadoras e 12.025 autônomas.

TABELA 3.2 – Estatística descritiva das empregadoras e autônomas

Atributos Pessoais	Empregadora	Autônoma
Branco	0,4936	0,4670
Anos de Estudo		
Sem instrução	0,0164	0,0279
1 a 4 anos	0,0469	0,0743
5 a 8 anos	0,1341	0,1634
9 a 11 anos	0,4616	0,4409
12 anos ou mais	0,2898	0,2478
Família		
Vive com cônjuge	0,5352	0,5583
Chefe da família	0,3405	0,3685
Variáveis Demográficas		
Migrante de retorno	0,0290	0,0324
Urbano	0,9485	0,9267
Metrópole	0,4554	0,4426
Norte	0,1070	0,1206
Nordeste	0,2313	0,2557
Sul	0,1984	0,1833
Centro-oeste	0,1137	0,1098
Sudeste	0,3494	0,3304
Média		
Idade	35,4363	37,3340
Idade ao quadrado	1383,246	1541,28
Afazeres domésticos (horas)	15,8070	17,7024
Renda de não trabalho	98,1522	121,2785
Número de crianças por idade		
Até 1 ano	0,0336	0,0338
>1 - 5 anos	0,5263	0,5371
>5 - 10 anos	1,6405	1,6851
Observações	1.598	12.025

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da PNAD 2015

Sobre as variáveis, em relação à raça, 49% das empregadoras são da raça branca, enquanto que as autônomas representam aproximadamente 47%. A média de idade da mulher empregadora é de aproximadamente 35 anos. Enquanto que da autônoma é de aproximadamente 37 anos.

A partir da sua condição familiar, as mulheres que vivem com cônjuge são aproximadamente 53% das empregadoras e as autônomas aproximadamente 55%. As chefes da família são aproximadamente 34% empregadoras e aproximadamente 36% autônomas. No que diz respeito à renda do não trabalho, as mulheres empregadoras recebem em média aproximadamente R\$ 98,00 por mês, enquanto que as mulheres autônomas recebem em média aproximadamente R\$ 121,00 por mês.

A tabela 3.3 apresenta a distribuição das mulheres por ocupação e os rendimentos médios. As mulheres empreendedoras são 13.623, representando 30% da amostra, as assalariadas representam 70% do total de mulheres da amostra. Esses dados mostram que entre as empreendedoras, as autônomas são a maioria, ou seja, 88% da amostra, enquanto que as empregadoras representam 12%.

TABELA 3.3 – Número das mulheres da amostra por ocupação e seus rendimentos

Brasil	Nº observações	Rendimento médio (R\$)
Empreendedora (empregadora e autônoma)	13.623	1.487,71
Autônoma	12.025	1.146,96
Empregadora	1598	4.051,90
Assalariada	31.293	1.447,19
Total	44.916	

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir da PNAD 2015.

Nota-se na tabela 3.3, que o rendimento médio da empreendedora por mês é de R\$ 1.487,71 enquanto que o rendimento médio mensal das assalariadas é de R\$ 1.447,19 por mês. Ao separar a empreendedora em empregadora e autônoma, é possível observar uma grande diferença entre os rendimentos médios das empregadoras, que é em média de R\$ 4.051,90 por mês, enquanto que o ganho médio das autônomas é de R\$ 1.146,96 por mês.

3.5. Resultados

Nesta seção serão apresentados primeiramente os resultados para controle de autosseleção amostral nos rendimentos a partir da metodologia *heckit* e, por fim, a decomposição detalhada do diferencial de renda de Oaxaca-Blinder.

Os resultados do modelo de Heckman (1979) para a empreendedora (autônoma e empregadora) podem ser conferidos na tabela 3.4. Constata-se que na primeira etapa do modelo, ou seja, a equação de seleção estimada pelo *probit*, as variáveis apresentaram sinais de acordo com o esperado e que a maioria delas é estatisticamente significativa ao

nível de 1%. Na segunda etapa do modelo, os coeficientes de controle de viés de seleção, λ , foram estatisticamente significativos, justificando a importância de usar o método *heckit* neste trabalho.

TABELA 3.4 – Brasil – Determinantes do empreendedorismo feminino e rendimentos

Variáveis	Equações de Rendimentos		<i>Probit</i>
	Empreendedora	Assalariada	Coefficientes
Branco	0.2302*** (0.0179)	0.1268*** (0.0077)	0.0314** (0.0145)
Idade	0.0457*** (0.0042)	0.0232*** (0.0020)	0.0178*** (0.0035)
Idade ao quadrado	-0.0003*** (0.0000)	-0.0001*** (0.0000)	0.0001*** (0.0000)
Anos de estudo			
1 a 4 anos	-0.1195*** (0.0357)	-0.3722*** (0.0221)	0.1751*** (0.0330)
5 a 8 anos	0.1041*** (0.0328)	-0.2595*** (0.0169)	0.1253*** (0.0284)
9 a 11 anos	0.3040*** (0.0312)	-0.0992*** (0.0145)	-0.0898*** (0.0260)
12 anos ou mais	0.9517*** (0.0351)	0.5307*** (0.0154)	-0.1495*** (0.0280)
Migrante de retorno			0.1418*** (0.0354)
Vive com cônjuge	0.2318*** (0.0228)	0.1121*** (0.0100)	0.2421*** (0.0154)
Chefe da família	0.0796*** (0.0190)	0.0524*** (0.0086)	0.1202*** (0.0150)
Horas de afazeres domésti-			0.0104*** (0.0005)
Idade das crianças			
Até 1 ano			0.1330*** (0.0350)
> 1 - 5 anos			0.0350*** (0.0045)
> 5 - 10 anos			0.0056*** (0.0017)
Renda de não trabalho			0.00008*** (0.0000)
Urbana	0.2544*** (0.0302)	0.0369* (0.0186)	-0.3548*** (0.0248)
Metrópole	0.1312*** (0.0171)	0.1680*** (0.0074)	-0.0571*** (0.0140)
Norte	-0.0586* (0.0296)	-0.0505*** (0.0143)	0.3322*** (0.0225)
Nordeste	-0.3442*** (0.0248)	-0.2360*** (0.0112)	0.2715*** (0.0178)

Sul	-0.0285 (0.0255)	-0.0291*** (0.1002)	-0.0695*** (0.0204)
Centro-Oeste	0.1352*** (0.0290)	0.0380*** (0.0124)	0.1188*** (0.0235)
λ	0.6161*** (0.0634)	0.3287*** (0.0464)	
Constante	-0,7985*** (0,1551)	1.2442*** (0.0431)	-1,664*** (0,0753)
Observações	13.623	31.293	44.916
Teste de Wald			$\chi^2 = 6483,22$
Classificação preditiva			74.05%
R ²	0.3017	0.2891	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD de 2015. Notas: os desvios-padrões são robustos à heterocedasticidade. * parâmetros significativos a 10%; ** parâmetros significativos a 5%; *** parâmetros significativos a 1%.

Referente à variável raça, a magnitude dos coeficientes indicam que a mulher empreendedora de cor branca apresenta maiores rendimentos. A empreendedora também ganha mais com o avanço da idade do que a assalariada, embora esse aumento seja decrescente (sinal negativo da idade ao quadrado).

Quanto à escolaridade, nota-se que a mulher com menos anos de estudo apresenta mais chance de se tornar empreendedora, enquanto que a mais escolarizada (mais de 9 anos de estudo) tem mais probabilidade de ser assalariada, principalmente a com nível superior. Os rendimentos da mulher empreendedora superam os da assalariada, conforme aumenta a escolaridade. Esse resultado está de acordo com o encontrado por Menezes et al., (2015), em que indivíduos com mais instrução apresentam maiores chances no mercado de trabalho assalariado.

A variável chefe de família exibe coeficiente positivo, indicando que a mulher nesta posição tende a optar pelo empreendedorismo. Além disso, o rendimento das mulheres empreendedoras chefes de família são maiores do que o auferido pelas assalariadas nesta mesma posição.

Com relação a viver conjugalmente com a pessoa de referência da unidade da familiar, existindo ou não o vínculo matrimonial, pode-se observar que a variável apresenta um sinal positivo sobre a probabilidade de empreender, ou seja, a mulher que vive com cônjuge tem chance de ser empreendedora. O rendimento das empreendedoras também é superior ao das assalariadas. Blanchflower (2004) e Parker (2004, 2009) destacam a importância da relação de segurança familiar relacionado ao suporte emocional e renda do cônjuge que possibilita a mulher assumir o risco de um negócio. Esse resultado está de acordo com o proposto por Lindh e Ohlsson (1996), evidenciando a família como amparo

para que a mulher assuma os riscos de ter um negócio próprio.

Com respeito ao local de residência, as mulheres residentes de áreas metropolitanas e urbanas exibem menor probabilidade de empreender, sugerindo que nestas áreas as mulheres têm mais chance de se inserirem no mercado de trabalho assalariado devido a maior oferta de vagas de trabalho e melhores remunerações. Nas áreas metropolitanas, as mulheres assalariadas ganham mais, enquanto que na zona urbana, são as empreendedoras que auferem maiores rendimentos. Esses resultados estão de acordo com os achados de Menezes et al. (2015), mas divergem do estudo de Acs et al. (2008).

Sobre às mulheres que são migrantes de retorno, ou seja, que residem e são naturais da Unidade da Federação, porém já residiram em outro estado ou país estrangeiro, o coeficiente da variável é positivo, indicando que a mulher tende a empreender ao retornar ao estado de origem. Mayr e Peri (2008b) apontam que no Brasil há grandes fluxos migratórios e o retorno de indivíduos à região de origem contribui positivamente para o desenvolvimento por aumentar a média de capital humano devido ao acúmulo de experiência em outras localidades e investimento em empreendimentos.

Ainda, os aspectos geográficos, que procuram denotar os efeitos diferenciados das características locais sobre a probabilidade das mulheres em escolher a ocupação empreendedora, apontam que as mulheres das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentam maior probabilidade de se tornarem empreendedoras, relativamente a categoria omitida Sudeste. A região Sul é a única que apresenta coeficiente negativo, ou seja, uma mulher residente nessa região tem menos chance de vir a se tornar empreendedora, além de auferir rendimentos inferiores como assalariadas, quando comparadas com as empreendedoras. Já as mulheres da região Centro-Oeste auferem maiores rendimentos como empreendedora do que como assalariada. Menezes et al. (2015) também encontraram resultados similares.

O resultado do cálculo do diferencial de rendimentos entre assalariada e empreendedora (autônoma mais empregadora) é apresentado na Tabela 3.5. Os resultados mostram que a mulher empreendedora ganha em média um rendimento aproximadamente 86,72% menor que uma trabalhadora assalariada, estando de acordo com o esperado, visto que as empreendedoras autônomas, que compreendem grande parcela das empreendedoras, apresentam rendimentos significativamente inferiores em relação às empreendedoras empregadoras. O hiato de rendimento é devido principalmente à parte não explicada (103%), cujo sinal é positivo e indica que as assalariadas possuem melhores características não observadas que elevam seu rendimento quando comparadas com as empreendedoras.

Para entender a decomposição detalhada de cada parte, é necessário dividir as variáveis em dois grupos: as variáveis com sinal positivo e que contribuem para aumentar o diferencial de rendimentos entre assalariadas e empreendedoras e o outro grupo com sinal negativo que contribui para a redução dessa diferença.

Tabela 3.5 - Decomposição do diferencial do rendimento entre empreendedoras e assalariadas

<i>Logaritmo Salário/hora</i>		
Assalariada	2.0035*** (0.0041)	
Empreendedora	1.8871*** (0.0093)	
Diferença não corrigida	0.1164*** (0.0102)	
Diferença corrigida (A)	0.8672*** (0.0753)	
Variáveis explicativas	Componente Explicado	Componente Não Explicado
Branco	0.0069*** (0.0008)	-0.0474*** (0.0090)
Idade	-0.2817*** (0.0173)	-0.8957*** (0.2083)
Idade ²	0.1391*** (0.0189)	0.3843*** (0.1016)
Anos de estudo		
1 a 4 anos	0.0252*** (0.0020)	-0.0270*** (0.0042)
5 a 8 anos	0.0107*** (0.0016)	-0.0690*** (0.0076)
9 a 11 anos	0.0036** (0.0014)	-0.1602*** (0.0153)
12 anos ou mais	0.0608*** (0.0032)	-0.0917*** (0.0094)
Vive com cônjuge	-0.0212*** (0.0014)	-0.0715*** (0.0163)
Chefe da família	-0.0069*** (0.0009)	-0.0106 (0.0087)
Urbana	0.0090*** (0.0012)	-0.1985*** (0.0338)
Metrópole	0.0087*** (0.0008)	0.0154* (0.0077)
Norte	0.0015*** (0.0005)	0.0017 (0.0045)
Nordeste	0.0190*** (0.0014)	0.0310*** (0.0080)
Sul	-0.0013*** (0.0004)	0.00009 (0.0044)
Centro-oeste	0.0005* (0.0002)	-0.0105*** (0.0034)
Constante		2.0428*** (0.1781)
Total (B)	-0.0257** (0.111)	0.8928*** (0.0838)
Percentual (B/A)	-3%	103%
Observações	44.916	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD de 2015. * parâmetros significativos à 10%; ** parâmetros significativos à 5%; *** parâmetros significativos à 1%.

Com relação ao componente explicado, o grupo das variáveis mais expressivas e que contribuem para o aumento do hiato de rendimentos são, principalmente, 12 anos de estudo ou mais, 1 a 4 anos de estudo e região Nordeste. Ter doze anos de estudo ou mais contribuiu com o aumento da parte explicada do diferencial em 6,08 p.p., referente à categoria omitida sem instrução.

Já a variável idade e vive com cônjuge se destacam como as variáveis que contribuem significativamente para a redução do hiato de rendimentos. A idade reduz o diferencial, enquanto que a idade ao quadrado eleva, assim, o efeito líquido da idade é de uma redução do diferencial de rendimentos entre assalariadas e empreendedoras de 14,26%. O que sugere que quanto mais elevada é a idade, menor é a diferença de renda entre assalariadas e empreendedoras, sugerindo que as assalariadas podem ter dificuldade de auferir maiores rendimentos no mercado de trabalho em idade avançada.

A variável vive com o cônjuge contribui para reduzir o hiato de rendimento em 2,12 p.p. entre as duas ocupações. Esse resultado pode estar indicando que as assalariadas casadas poderiam aceitar um salário mais baixo no mercado de trabalho a fim de complementar a renda do esposo, contribuindo para reduzir o hiato.

No tocante ao componente não explicado, a *dummy* de região Nordeste, que é a única variável que contribui de maneira positiva, aumenta em 3,10% o hiato de rendimentos, ou seja, a mulher que reside nesta região ganha mais ocupada como assalariada do que como empreendedora, relativamente à categoria omitida Sudeste.

Dentre as variáveis que contribuem para a redução do componente não explicado destacam-se a idade, urbano, 9 a 11 anos de estudo, mais de 12 anos de estudo e vive com cônjuge. A idade líquida (efeito total da idade e idade ao quadrado) reduz em 51,1% o componente não explicado, enquanto que residir em zona urbana e viver com cônjuge diminui em 19,85% e 7,15%.

Chama-se atenção que ter entre 9 a 12 anos de estudo reduz significativamente a parte não explicada do diferencial de renda entre assalariadas e empreendedoras em 16,02 p.p., ao passo que possuir mais escolaridade (mais de 12 anos de estudo) diminui em apenas 9,17% o componente não explicado. Esse resultado aponta para a importância da escolaridade da mulher no mercado de trabalho, que quando maior, menor é a diferença de renda entre as ocupações.

Visando entender os fatores que afetam a decomposição detalhada da renda entre as empreendedoras autônomas/empregadoras e as assalariadas, foram feitos os modelos de Heckman para corrigir os respectivos rendimentos para viés de seleção (tabelas A.3.2 e

A.3.3 do apêndice) e em seguida calculadas as decomposições detalhadas do hiato de renda que constam nas tabelas 3.5 e 3.6.

A estimação pelo método de Heckman sobre o empreendedorismo autônomo feminino pode ser conferida na tabela A.3.2 do apêndice e permite conferir resultados interessantes sobre a variável escolaridade. Menores níveis de escolaridade apresentam coeficientes positivos de se tornar empreendedora, como de um a quatro anos de estudo e de cinco a oito anos de estudo. Com mais anos de estudo, a mulher empreendedora autônoma tem menos probabilidade de optar pelo empreendedorismo autônomo, como de nove a onze anos de estudo e de doze anos ou mais anos de estudo. Conforme aumenta a escolaridade da mulher, os rendimentos como autônoma superam os rendimentos da assalariada. Esse resultado está de acordo com o encontrado por Menezes et al., (2015) para toda a população, em que indivíduos com mais instrução apresentam maiores chances no mercado de trabalho assalariado.

Na Tabela 3.6 constam os resultados da decomposição detalhada do hiato de renda entre assalariadas e autônomas. Note-se que a mulher autônoma ganha, em média, 0,8702 (*log* de rendimento) a menos que uma trabalhadora assalariada, o que sugere que as empreendedoras autônomas optam pelo empreendedorismo por necessidade. No entanto, não é possível interpretar os componentes explicados e não explicados porque estes foram estatisticamente significativos.

Tabela 3.6 - Decomposição do diferencial do rendimento entre autônomas e assalariadas

<i>Logaritmo Salário/hora</i>		
Assalariada	2.0035*** (0.0041)	
Autônoma	1.7658*** (0.0095)	
Diferença não corrigida	0.2377*** (0.0103)	
Diferença corrigida (A)	0.8702*** (0.0667)	
Variáveis	Componente Explicado	Componente Não Explicado
Branco	0.0094*** (0.0008)	-0.0218** (0.0088)
Idade	-2.6076*** (0.0168)	-0.6158*** (0.2029)
Idade ²	0.1350*** (0.0184)	0.3510*** (0.1022)
Anos de estudo		
1 a 4 anos	0.0255*** (0.0022)	-0.0295*** (0.0047)
5 a 8 anos	0.0113*** (0.0018)	-0.0712*** (0.0082)
9 a 11 anos	0.0019 (0.0014)	-0.1513*** (0.0156)

12 anos ou mais	0.0759*** (0.0033)	-0.0661*** (0.0088)
Vive com cônjuge	-0.0166*** (0.0012)	-0.0295* (0.0149)
Chefe da família	-0.0064*** (0.0009)	0.0061 (0.0089)
Urbana	0.0088*** (0.0013)	-0.2123*** (0.0330)
Metrópole	0.0090*** (0.0009)	0.0143 (0.0077)
Norte	0.0019*** (0.0006)	0.0109** (0.0046)
Nordeste	0.0228*** (0.0015)	0.0525*** (0.0081)
Sul	-0.0015*** (0.0005)	-0.0049 (0.0044)
Centro-oeste	0.0006*** (0.0023)	-0.0047 (0.0032)
Constante		1.6255*** (0.1589)
Total (B)	0.1723 (0.0102)	0.8530 (0.0742)
Percentual (B/A)	20%	98%
Observações	32.891	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD de 2015. * parâmetros significativos à 10%; ** parâmetros significativos à 5%; *** parâmetros significativos à 1%.

A estimação de Heckman com controle de viés de seleção para rendimentos das empreendedoras empregadoras e assalariadas consta na tabela A.3.3 em apêndice. Dentre os resultados, chama-se atenção para os anos de estudo, pois a probabilidade de empreender é maior para as mais escolarizadas (médio e superior). Esses resultados estão de acordo com a literatura que aponta que as pessoas mais instruídas captam melhor as oportunidades porque favorece o desenvolvimento de habilidades empreendedoras (FRITSCH; RUSAKOVA, 2011).

Na Tabela 3.7 constam os cálculos da decomposição detalhada dos rendimentos. Pode-se conferir que a mulher empreendedora empregadora ganha em média 2,2596 em *log* a mais do que uma trabalhadora assalariada. Assim, há evidências de que as empregadoras optam pelo empreendedorismo por oportunidade.

A partir das partes explicadas e não explicadas se dá o hiato de rendimento entre as mulheres ocupadas nas duas ocupações (empregadoras e assalariadas). A parte não explicada representa (93%), ou seja, a maior parcela do hiato de rendimento. O sinal positivo indica que as empregadoras apresentam melhores características não observadas, atribuindo melhores rendimentos em comparação com as trabalhadoras assalariadas.

Tabela 3.7 - Decomposição do diferencial do rendimento entre empregadoras e assalariadas

<i>Logaritmo Salário/hora</i>		
Empregadora	2.8002*** (0.0256)	
Assalariada	2.0035*** (0.0041)	
Diferença não corrigida	0.7966*** (0.0260)	
Diferença corrigida (A)	2.2596*** (0.3098)	
Variáveis	Componente Explicado	Componente Não Explicado
Branco	0.0065*** (0.0018)	0.0318 (0.0391)
Idade	0.2420*** (0.0211)	-2.3895*** (0.8403)
Idade ²	-0.1959*** (0.0220)	1.0448*** (0.4048)
Anos de estudo		
1 a 4 anos	0.0028 (0.0018)	0.0047 (0.0060)
5 a 8 anos	0.0049* (0.0022)	0.0149 (0.0141)
9 a 11 anos	0.0083*** (0.0018)	0.0656 (0.0384)
12 anos ou mais	0.0777*** (0.0069)	-0.0350 (0.0495)
Vive com cônjuge	0.0057*** (0.0017)	-0.0678 (0.0599)
Chefe da família	0.0017*** (0.0006)	0.0384 (0.0224)
Urbana	0.0013*** (0.0005)	0.0094 (0.1323)
Metrópole	-0.0116*** (0.0025)	0.0790*** (0.0218)
Norte	0.0004 (0.0007)	0.0210*** (0.0084)
Nordeste	0.0050 (0.0029)	0.0305* (0.0147)
Sul	-0.0008* (0.0004)	-0.0369*** (0.0143)
Centro-oeste	0.0004 (0.0003)	0.0257* (0.0120)
Constante		3.2638*** (0.8149)
Total (B)	0.1588*** (0.0119)	2.100*** (0.3125)
Percentual (B/A)	7%	93%
Observações	32.891	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD de 2015. * parâmetros significativos à 10%; ** parâmetros significativos à 5%; *** parâmetros significativos à 1%.

A variável doze anos de estudo ou mais contribuiu significativamente em 7,77% para aumentar a parte explicada do hiato de renda. Esse resultado aponta que as mulheres mais escolarizadas auferem maiores rendimentos como empregadora do que como assalariada. A idade contribuiu com 4,61p.p. para a parte explicada do diferencial de renda. As-

sim, a mulher com mais idade, e conseqüentemente com mais experiência de trabalho, se beneficia com rendimentos mais elevados se estiver ocupada como empregadora.

As variáveis que elevam o componente não explicado do hiato é a região metropolitana, Nordeste, Centro-Oeste e Norte. A região Nordeste aumenta em 3% o hiato através da parte não explicada, sendo o maior entre as regiões. Já a variável metrópole contribui significativamente com 7,90% para o aumento do hiato de rendimentos.

A idade e a região Sul, por sua vez, reduzem a parte não explicada. Residir na região Sul contribui para uma redução de 3,69% do diferencial da renda explicado pelos fatores não observados. O efeito total da idade é negativo, ou seja, diminui o componente não explicado do diferencial de renda entre empregadoras e assalariadas.

3.6. Considerações Finais

O objetivo desse trabalho foi investigar de que maneira o empreendedorismo afeta o diferencial de rendimentos entre as mulheres empreendedoras e assalariadas brasileiras usando os dados da PNAD de 2015. Para corrigir os possíveis vieses de seleção que poderiam surgir e tornar as estimativas dos salários tendenciosas fez-se uso do método de Heckman (1979) e para calcular o diferencial de renda foi aplicado Oaxaca-Blinder.

Os resultados mostram que os principais determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil são influenciados principalmente por características pessoais como raça, idade, viver com cônjuge, ser a chefe de família, ter crianças até dez anos de idade e ser migrante de retorno. Os níveis educacionais, médio e superior afetam negativamente a escolha da mulher em se tornar uma empreendedora autônoma, o que evidencia, portanto, a maior propensão daquelas com menores níveis de instrução ao empreendedorismo por necessidade.

Quanto aos resultados para condição de empregadora, observou-se que as mulheres com os níveis mais elevados de instrução, médio e superior, se mostraram mais propensas a ser empregadoras, pois, possivelmente, mais educação capacita ao reconhecimento de melhores oportunidades e, sobretudo, torna a mulher mais propensa para abrir o próprio negócio.

As evidências produzidas neste trabalho indicam que as empreendedoras autônomas/empregadoras possuem rendimentos inferiores aos das trabalhadoras assalariadas. No entanto, as empreendedoras empregadoras auferem maiores rendimentos quando comparadas às assalariadas, sugerindo que as empreendedoras empregadoras iniciam seus empre-

endimentos por oportunidade. Por outro lado, as empreendedoras autônomas podem estar nesta ocupação por necessidade, visto que o que elas ganham em média é inferior ao recebido pelas assalariadas. Esse resultado é um forte indício do porque os empreendimentos femininos são menos consolidados em comparação aos masculinos, sugerindo que no caso da empreendedora autônoma, havendo a oportunidade, opta por retornar ao trabalho assalariado, onde os rendimentos são mais elevados.

Por fim, esse trabalho contribuiu com a literatura sobre o tema que ainda permanece pouco explorado apesar de sua suma importância. As evidências produzidas neste trabalho fornecem subsídios que podem ser utilizados para a formulação de políticas públicas com o intuito de estimular o empreendedorismo feminino. Dentre os fatores que podem favorecer as condições para empreendedoras femininas no Brasil podem-se citar os níveis de instrução educacional devido a sua relação positiva com as empreendedoras empregadoras. Destacando que o empreendedorismo pode ser utilizado como ferramenta de crescimento econômico e redução de desemprego. Ademais, a continuação desse estudo pode ser realizada, tais como realizar as equações de rendimentos para as regiões do país a partir da base de dados do Censo do IBGE, por ser uma base de dados maior, o que permitiria estimativas mais detalhadas sobre o empreendedorismo feminino.

3.7. Bibliografia

ÁCS, Z. J.; BOSMA, N.; STERNBERG, R. **The entrepreneurial advantage of world cities: evidence from global entrepreneurship monitor data**. [s.l.] Jena economic research papers, 2008.

ALMEIDA, W. D. S. D.; BESARRIA, C. N. **Desigualdade salarial e discriminação por gênero e raça no mercado de trabalho gaúcho: uma aplicação do procedimento de heckman (1979) e da decomposição de oaxaca-blinder (1973)**. In: III ENCONTRO PERNAMBUCANO DE ECONOMIA: POLÍTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO ESTADUAL. Recife - PE, 2014.

ANDERSSON JOONA, P.; WADENSJÖ, E. **Employees Who Become Self-Employed: Do Labour Income and Wages Have an Impact?** IZA Discussion Papers. [s.l.] Institute for the Study of Labor (IZA), fev. 2006.

BARTALOTTI, O. A. C. **Discriminação salarial por cor e gênero revisitada: uma abordagem de decomposição contrafactual utilizando regressões quantílicas**. Dissertação de Mestrado pela Fundação Getúlio Vargas—Escola de Economia de São Paulo: São Paulo, 7 ago. 2007.

BERNAT, L. F.; LAMBARDI, G.; PALACIOS, P. Determinants of the entrepreneurial gender gap in Latin America. **Small Business Economics**, v. 48, n. 3, p. 727–752, 1 mar. 2017.

BEYDA, T. T.; CASADO, R. U. Relações de trabalho no mundo corporativo: possível antecedente do empreendedorismo? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 4, p. 1066–1084, 1 jan. 2011.

BLANCHFLOWER, D. **Self-Employment: More may not be better**. Cambridge: National Bureau of Economic Research, Inc, fev. 2004.

BLINDER, A. S. Wage Discrimination: Reduced Form and Structural Estimates. **Journal of Human Resources**, v. 8, p. 436–455, 1973.

BUERA, F. J. **Persistence of poverty, financial frictions, and entrepreneurship**.

BUERA, F. J. A dynamic model of entrepreneurship with borrowing constraints: theory and evidence. **Annals of Finance**, v. 5, n. 3–4, p. 443–464, 1 jun. 2009.

CACCIAMALI, M. C.; TATEI, F.; ROSALINO, J. W. Estreitamento dos Diferenciais de Salários e Aumento do Grau de Discriminação: Limitações da Mensuração Padrão? **Planejamento e Políticas Públicas**, v. 0, n. 0, 14 jan. 2010.

CARTER, N. M. **The role of risk orientation on financing expectations in new venture creation: does sex matter?** In: *Frontiers of entrepreneurial research*. Wellesley, MA: Babson, 2002. . Acesso em: 29 set. 2017

CRESPO, A. R. V.; REIS, M. C. Decomposição do componente de discriminação na desigualdade de rendimentos entre raças nos efeitos idade, período e coorte. **Encontro Nacional da Anpec**. Natal: ANPEC, 2004.

CROMIE, S.; HAYES, J. Towards a typology of female entrepreneurs. **The Sociological Review**, v. 36, n. 1, p. 87–113, 1 fev. 1988.

DAVIES-NETZLEY, S. A. **Gendered Capital: Entrepreneurial Women in American Society**. [s.l.] Taylor & Francis, 2000.

DROUIN, J. **Os Grandes Economistas**. São Paulo: M. Fontes, 2008.

EVANS, D. S.; LEIGHTON, L. S. Some Empirical Aspects of Entrepreneurship. **The American Economic Review**, v. 79, n. 3, p. 519–535, 1989.

FAIRLIE, R. W. An Extension of the Blinder-Oaxaca Decomposition Technique to Logit and Probit Models. **Journal of economic and social measurement**, v. 30, n. 4, p. 305–316, jan. 2006.

FERNANDEZ, D. B.; SCOTTO, M.-J.; FISCHER, B. **Entreprendre en France ? Les motivations des femmes**: Working Papers. [s.l.] Department of Research, Ipag Business School, 1 jan. 2014.

FOSSEN, F. M. Gender differences in entrepreneurial choice and risk aversion – a decomposition based on a microeconomic model. **Applied Economics**, v. 44, n. 14, p. 1795–1812, 1 maio 2012.

FRITSCH, M.; RUSAKOVA, A. **Entrepreneurial Choice across Occupations: an empirical investigation of occupation-specific “push”-and “pull”factors.**

GEM. **Global Entrepreneurship Monitor (GEM)**, 2016. Disponível em: <<http://www.gemconsortium.org/>>. Acesso em: 30 set. 2017

GENTRY, W. M.; HUBBARD, R. G. **Entrepreneurship and Household Saving.** [s.l.] National Bureau of Economic Research, set. 2000.

GIUBERTI, A. C.; MENEZES-FILHO, N. Discriminação de rendimentos por gênero: uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos. **Economia Aplicada**, v. 9, n. 3, p. 369–384, set. 2005.

HECKMAN, J. J. Sample Selection bias as a specification error. **Econometrica**, v. 47, p. 153–162, 1979.

HERMANS, J. et al. **Ambitious entrepreneurship: antecedents and consequences:** Working Papers. [s.l.] University of Namur, Department of Economics, nov. 2012.

HISRIC, R. D.; PETERS, M. P. **Entrepreneurship: Starting, Developing, and Managing a New Enterprise.** 1989.

JANN, B. The Blinder–Oaxaca decomposition for linear regression models. **Stata Journal**, v. 8, n. 4, p. 453–479, 2008.

LINDH, T.; OHLSSON, H. Self-Employment and Windfall Gains: Evidence from the Swedish Lottery. **Economic Journal**, v. 106, n. 439, p. 1515–1526, 1996.

LUCAS, R. On the Size Distribution of Business Firms. **Bell Journal of Economics**, v. 9, n. 2, p. 508–523, 1978.

MACHADO, H. V. The challenge of female successors in a Brazilian family business: a case study. In: **D. Halkias, P. W. Thurman, C. Smith & R. S. Nason. Father-Daughter Succession in Family Business: A Cross-Cultural Perspective.** 1. ed. Farnham: Gower Publishing Ltda, 2011.

MADDALA, G. S. Limited-Dependent and Qualitative Variables in Economics. In: New York: Cambridge University Press, 1983. p. 257–91.

MAYR, K.; PERI, G. **Return Migration as a Channel of Brain Gain.** [s.l.] National Bureau of Economic Research, maio 2008.

MENEZES, G. R.; QUEIROS, V. DOS S.; FEIJÓ, F. T. Determinantes do Empreendedorismo no Brasil: uma análise da escolha ocupacional e dos rendimentos. **Enaber**, 2015.

MINCER, J. **Schooling, Experience, and Earnings.** [s.l.] National Bureau of Economic Research, Inc, 1974.

MOORE, D. P.; BUTTNER, E. H. **Women entrepreneurs: moving beyond the glass ceiling**. [s.l.] Sage Publications, 1997.

MORAES, I. S.; DE CAMARGO NETO, R. P.; MENEZES, G. R. Vale a pena ser empreendedor no Brasil? Uma análise utilizando micro dados. **XX Encontro de Economia da Região Sul**, 2017.

MORRIS, M. H. et al. The Dilemma of Growth: Understanding Venture Size Choices of Women Entrepreneurs. **Journal of Small Business Management**, v. 44, n. 2, p. 221–244, 1 abr. 2006.

NASER, K.; NUSEIBEH, R.; AL-HUSSAINI, A. Personal and external factors effect on women entrepreneurs: evidence from kuwait. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 17, n. 02, p. 1250008, 1 jun. 2012.

OAXACA, R. Male-Female Wage Differentials in Urban Labor Markets. **International Economic Review**, v. 14, n. 3, p. 693–709, 1973.

OIT – Organisation Internationale du Travail. Programme des activités sectorielles. **La promotion des femmes aux postes de direction**. Genève : Bureau International du Travail, 1997.

OLIVEIRA, V. R. DE O.; JACINTO, P. DE A. DECOMPONDO O RETORNO DO EMPREENDEDORISMO FEMININO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE IDADE-PERÍODO-COORTE. **XX Encontro de Economia da Região Sul**, 2017.

PARKER, S. **The Economics of Self-Employment and Entrepreneurship**. [s.l.] Cambridge University Press, 2004.

PARKER, S. C. **The Economics of Entrepreneurship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

PEREIRA, R. M.; OLIVEIRA, C. A. DE. Os diferenciais de salário por gênero no Rio Grande do Sul: uma aplicação do Modelo de Heckman e da Decomposição de Oaxaca-Blinder. **Redes**, v. 21, n. 1, p. 148–173, 6 maio 2016.

SCORZAFAVE, L. G.; MENEZES-FILHO, N. Caracterização da participação feminina no mercado de trabalho: uma análise de decomposição. **Economia Aplicada**, v. 10, n. 1, p. 41–55, mar. 2006.

STEL, A. V.; CARREE, M.; THURIK, R. The Effect of Entrepreneurial Activity on National Economic Growth. **Small Business Economics**, v. 24, n. 3, p. 311–321, 2005.

STILL, L. V.; TIMMS, W. Women's business: the flexible alternative workstyle for women. **Women in Management Review**, v. 15, n. 5/6, p. 272–283, 1 ago. 2000.

STROBINO, M. R. DE C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração (São Paulo)**, v. 49, n. 1, p. 59–76, mar. 2014.

VALE, G. M. V.; CORRÊA, V. S.; REIS, R. F. DOS. Motivações para o empreendedorismo: necessidade versus oportunidade? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 3, p. 311–327, jun. 2014.

VIAN, G.; QUEIROZ, V. DOS S. **Os Determinantes do Empreendedorismo entre Idosos Brasileiros: evidências empíricas a partir dos dados das PNADs de 2003 e 2013**. In: XX ENCONTRO DE ECONOMIA DA REGIÃO SUL. Porto Alegre, 2017.

WIT, G. DE. **Determinants of Self-employment**. Heidelberg: Psysica, 1993.

ZANAKIS, S. H.; RENKO, M.; BULLOUGH, A. Nascent entrepreneurs and the transition to entrepreneurship: why do people start new businesses? **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 17, n. 01, p. 1250001, 1 mar. 2012.

APÊNDICE

TABELA A.3.1 – Descrição das variáveis utilizadas nas regressões

Atributos pessoais	Definição
Raça	Variável binária: 1 - branco; 0 - não branco.
Idade	Idade em anos.
Idade ²	Idade ao quadrado.
Anos de estudo	
Sem instrução	Variável binária: 1 - indivíduos sem instrução; 0 para os demais.
De 1 a 4 anos de estudo	Variável binária: 1 - possui de 1 a 4 anos de estudo; 0 - para os demais.
De 5 a 8 anos de estudo	Variável binária: 1 - possui de 5 a 8 anos de estudo; 0 - para os demais.
De 9 a 11 anos de estudo	Variável binária: 1 - possui de 9 a 11 anos de estudo; 0 - para os demais.
Acima de 12 anos de estudo	Variável binária: 1 - possui 12 ou mais anos de estudo; 0 - para os demais.
Família	
Estado civil	Variável binária: 1 - vive com cônjuge; 0 - para os demais.
Chefe	Variável binária: 1 - responsável pela família; 0 - para os demais.
Afazeres domésticos (horas)	Horas dedicadas aos afazeres domésticos.
Idade dos filhos	
Até 1 ano	Variável binária: 1 - criança até 1 ano; 0 - para os demais.
>1 - 5 anos	Variável binária: 1 - criança maior de 1 ano até 5 anos; 0 - para os demais.
>5 - 10 anos	Variável binária: 1 - criança maior de 5 anos até 10 anos; 0 - para os demais.
Renda	
Renda de não trabalho	Variável binária: 1 - se recebe renda de não trabalho; 0 - se não recebe.
Variáveis Demográficas	
Migrante de retorno	Variável binária: 1 - se residiu em outro país ou estado; 0 - se não residiu.
Urbano	Variável binária: 1 - se reside na região Urbana; 0 - se não reside.
Agrícola	Variável binária: 1 - se reside na região Agrícola; 0 - se não reside.
Metrópole	Variável binária: 1 - se reside na Metrópole; 0 - se não reside.
Norte	Variável binária: 1 - se reside na região Norte; 0 - se não reside.
Nordeste	Variável binária: 1 - se reside na região Nordeste; 0 - se não reside.
Sul	Variável binária: 1 - se reside na região Sul; 0 - se não reside.
Centro-oeste	Variável binária: 1 - se reside na região Centro-Oeste; 0 - se não reside.
Sudeste	Variável binária: 1 - se reside na região Sudeste; 0 - se não reside.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da PNAD de 2015

A 3.2 – Brasil – Determinantes do empreendedorismo autônomo feminino e rendimentos

Variáveis	Equações de Rendimentos		<i>Probit</i>
	Autônoma	Assalariada	Coefficientes
Branco	0.1711*** (0.0185)	0.1214*** (0.0077)	-0.0022 (0.0153)
Idade	0.0379*** (0.0041)	0.0220*** (0.0020)	0.0086** (0.0037)
Idade ao quadrado	-0.0003*** (0.0000)	-0.0000*** (0.0000)	0.0002*** (0.0000)
Anos de estudo			
1 a 4 anos	-0.0892*** (0.0359)	-0.3567*** (0.0222)	0.2137*** (0.0347)
5 a 8 anos	0.1088*** (0.0329)	-0.2522*** (0.0169)	0.1450*** (0.0299)
9 a 11 anos	0.2777*** (0.0315)	-0.0975*** (0.0145)	-0.1102*** (0.0276)
12 anos ou mais	0.8568*** (0.0377)	0.5126*** (0.0157)	-0.2541*** (0.0299)
Migrante de retorno			0.1292*** (0.0368)
Vive com cônjuge	0.1617*** (0.0217)	0.1104*** (0.0090)	0.1943*** (0.0159)
Chefe da família	0.0420* (0.0192)	0.0550*** (0.0085)	0.1179*** (0.0156)
Horas de afazeres domésticos			0.0133*** (0.0005)
Idade das crianças			
Até 1 ano			0.1120*** (0.0367)
> 1 - 5 anos			0.0304*** (0.0047)
> 5 - 10 anos			0.0047** (0.0017)
Renda de não trabalho			0.00008*** (0.0000)
Urbana	0.2580*** (0.0297)	0.0226 (0.0183)	-0.3881*** (0.0260)
Metrópole	0.1360*** (0.0176)	0.1704*** (0.0073)	-0.0356** (0.0146)
Norte	-0.1128*** (0.0297)	-0.0433*** (0.0140)	0.3568*** (0.0234)
Nordeste	-0.4070*** (0.0248)	-0.2309*** (0.0108)	0.2779*** (0.0185)
Sul	0.0012 (0.0269)	-0.0312*** (0.0102)	-0.0843*** (0.0212)
Centro-Oeste	0.0816*** (0.0302)	0.0372*** (0.0123)	0.1071*** (0.0246)
λ	0.4739*** (0.0554)	0.3750*** (0.0412)	

Constante	-0.3967*** (0.1384)	1.288*** (0.0437)	-1,4883*** (0,0792)
Observações	11.422	31.293	43.318
Teste de Wald			$\chi^2 = 7438,23$
Classificação preditiva			76.32%
R ²	0.2860	0.2898	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD de 2015. * parâmetros significativos à 10%; ** parâmetros significativos à 5%; *** parâmetros significativos à 1%.

TABELA A.3.3 – Brasil – Determinantes do empreendedorismo empregador feminino e rendimentos

Variáveis	Equações de Rendimentos		<i>Probit</i>
	Empregadora	Assalariada	Coefficientes
Branco	0.1121* (0.0621)	0.0616*** (0.0082)	0.2149*** (0.0286)
Idade	-0.0266 (0.0164)	0.0276*** (0.0020)	0.0626*** (0.0079)
Idade ao quadrado	0.0001 (0.0001)	-0.0003*** (0.0000)	0.0003*** (0.0000)
Anos de estudo			
1 a 4 anos	-0.1664 (0.1685)	-0.2994*** (0.0219)	-0.2664*** (0.0838)
5 a 8 anos	-0.1160 (0.1298)	-0.2475*** (0.0166)	-0.0749 (0.0604)
9 a 11 anos	0.0791 (0.1156)	-0.0969*** (0.0143)	0.0831 (0.0599)
12 anos ou mais	0.3937*** (0.1227)	0.4544*** (0.0157)	0.3079*** (0.0604)
Migrante de retorno			0.1911*** (0.0626)
Vive com cônjuge	-0.1122 (0.0781)	-0.0376*** (0.0090)	0.4431*** (0.0308)
Chefe da família	0.1043 (0.0549)	0.0043 (0.0080)	0.1239*** (0.0288)
Horas de afazeres domésticos			-0.0127*** (0.0011)
Idade das crianças			
Até 1 ano			0.1892*** (0.0676)
> 1 - 5 anos			0.0321*** (0.0091)
> 5 - 10 anos			0.0056 (0.0035)
Renda de não trabalho			0.00007*** (0.0000)
Urbana	0.0896 (0.1262)	0.0796*** (0.0161)	0.0677 (0.0644)
Metrópole	0.4177*** (0.0533)	0.2180*** (0.0075)	-0.1655*** (0.0269)

Norte	0.0787 (0.0875)	-0.1246*** (0.0126)	0.0767 (0.0469)
Nordeste	-0.1673** (0.0692)	-0.3078*** (0.0096)	0.1255*** (0.0363)
Sul	-0.1943*** (0.0651)	-0.0288*** (0.0101)	0.0476*** (0.0359)
Centro-Oeste	0.1803** (0.0798)	-0.0185 (0.0123)	0.1492*** (0.0428)
λ	-0.7107*** (0.1563)	-1.7853** (0.0839)	
Constante			-4,0435 (0,1803)
Observações	1.598	31.293	32.891
Teste de Wald			$\chi^2 = 1711,41$
Classificação preditiva			95.12%
R^2	0.1766	0.2981	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD de 2015. * parâmetros significativos à 10%; ** parâmetros significativos à 5%; *** parâmetros significativos à 1%.